

Biblioteca criativa

RUI TINOCO

NICKS e CHATS

PARA UMA ETNOGRAFIA DO VIRTUAL

(* _ *)



:~)

~oOoO



Rui Tinoco

NICKS e CHATS

PARA UMA ETNOGRAFIA DO VIRTUAL

bibliotecacriativa é uma chancela editorial de:

estratégias criativas

S/S

estratégias criativas

As pessoas crescidas gostam de números. Quando lhes falais de um novo amigo nunca perguntam o essencial. Nunca vos dizem: «Como é a fala dele? Quais os seus jogos predilectos? Colecciona borboletas?» Perguntam: «Que idade tem? Quantos irmãos são? Quanto pesa? Quanto é que o pai ganha?» E só julgam que o conhecem depois disto.

O Príncipezinho, Antoine de Saint-Exupéry

ÍNDICE

| | |
|--|-----|
| I. UM LUGAR INEXISTENTE | 9 |
| 1. Sobre o método | 10 |
| 2. Sobre os percursos virtuais | 11 |
| 3. Sobre a investigação em chats | 12 |
| II. L'AMBIANCE | 16 |
| 1. Uma tentativa de encontrar o real | 23 |
| 2. Em busca de uma realidade virtual | 25 |
| 3. Ambiguidade de intenções | 26 |
| 4. Sobre as conversas | 27 |
| 5. Os sinais e a linguagem | 28 |
| 6. Sobre as identidades virtuais: primeira aproximação | 35 |
| III. OS AVATARES E AS SUAS INTERACÇÕES | 37 |
| 1. As interacções | 46 |
| 2. Sexualidade versus Sexo virtual | 52 |
| 3. As comunidades e tabus | 57 |
| 4. Sobre os chats: as condicionantes da comunicação | 60 |
| IV. ESTUDO DE CASO | 65 |
| 1. As histórias de vida virtuais: um guião | 66 |
| 2. Discurso directo | 70 |
| 3. Um percurso virtual | 89 |
| V. MOSAICO DE SÍNTESES | 93 |
| Nota sobre a Investigação nas salas de chat | 101 |

Somos interpelados constantemente sobre a nossa identidade, nos mais variados contextos. O NIB da nossa conta bancária, o nosso número de associado, o fiscal, o número do BI. Contrariamente ao que sucedia noutras épocas, em que a identidade do outro era sempre algo de inseguro e movediço, o desenvolvimento de tecnologias de identificação extirpou essa incerteza a níveis quase invisíveis. Está claro que muitas séries televisivas exploram esse medo ancestral e é, por isso, comum depararmo-nos com a figura do gangster a forjar passaportes e outros documentos do género. Em todo caso vivemos, regra geral, numa sociedade em que a identificação das pessoas e a minimização dos riscos se encontram desenvolvidos a expoentes nunca antes alcançados por outra civilização.

O fascínio pela identidade difusa, convocado pelo medo que acabamos de referir, mas também por uma necessidade de imprevisibilidade e de surpresa que sempre nos acompanhou, possui agora outras esferas de vivência que a torna mais próxima de nós e configura uma esfera de sociabilidade de que só recentemente nos temos vindo a aperceber. Referimo-nos, claro está, à possibilidade de contacto e de comunicação que a internet possibilita. Diversos autores (e, por opção, não nos vamos referir concretamente a nenhum) diziam já que a cidade do século XX, ao lado do anonimato e da aparência caótica, possibilitava o aparecimento de micro-grupos, estruturados em torno de interesses específicos. Ora o espaço virtual aumenta essas possibilidades de reunião e de organização de forma exponencial.

Neste livro, pretendemos reflectir um pouco sobre as regras e as formas de convivialidade que os chats, e os modos de intercâmbio virtual deste tipo acabam por estruturar. Isto é, tentaremos sistematizar de algum modo os conteúdos versados nas salas de conversação; reflectiremos sobre os ambientes que nelas emergem, esforçarmo-nos por conhecer algo das personagens que se movem nestes contextos e as regras que conhecem como válidas. Trata-se, no fim de contas, de um espaço de intercâmbio com os seus residentes e

transeuntes passageiros. Para ambos os níveis de envolvimento com a identidade (ou avatar) e espaço virtual, pretendemos conhecer formas de comportamento e de conceptualizar esta actividade, bem como saber dos modos como estas conversas são organizadas em torno de percursos biográficos virtuais e de identidades virtuais (... ou não tanto assim, e introduzimos desde já a ambiguidade reinante nestes meios, em que tudo o que pode ser num momento, transforma-se de seguida no seu oposto).

1. SOBRE O MÉTODO

A etnografia fornece-nos uma metodologia de estudo que permite aceder a práticas e vivências ocultas. Usa a subjectividade do investigador como principal instrumento de trabalho, a qual é vertida para um diário de bordo. Socorre-se também de testemunhos de pessoas que partilham um dado mundo social sob análise. Estes testemunhos podem provir de um informante privilegiado, que conhece a investigação e guia o investigador nos meandros de uma dada realidade. Socorre-se também de entrevistas a voluntários que podem desvelar hábitos ou pequenas histórias de vida.

Existem demasiados paradoxos na tarefa que tentamos iniciar: em primeiro lugar, a ideia de diário de bordo quase que surge como desnecessária, uma vez que os diálogos em chat estão sob a forma escrita e constituem uma espécie de diário volátil que, ainda assim, faz surgir impressões e organizações subjectivas sobre as quais importa reflectir e sistematizar; em segundo lugar, a questão do espaço que não existe: tudo se passa no mundo virtual, num local que está em todo o lado e em lugar nenhum.

Parece-nos que, apesar de tudo, a ideia de informante privilegiado, de colectar testemunhos de histórias de vida virtuais possibilita a investigação. Decidimos, dentro de uma certa tradição etnográfica, produzir e organizar o material qualitativo que recolhemos fora de qualquer quadro teórico, ou seja: tentámos conscientemente nada ler sobre estes assuntos na chamada fase de terreno – como se fosse possível construir um olhar puro que permite construir signi-

ficados (estamos conscientes da eventual contradição dos termos) com o mínimo de interferências de background teóricos.

Queremos assim, produzir teoria – no sentido de fornecer explicações sobre o funcionamento do mundo virtual – a partir dos dados recolhidos, na tradição da Grounded Theory.

2. SOBRE OS PERCURSOS VIRTUAIS

Quase entrando em contradição com o que acabamos de afirmar, cumpre aqui reflectir sobre o modo de organizar o material subjectivo ou seja, as maneiras como os dados recolhidos são organizados em unidades de sentido que possam criar inteligibilidades. Eis a contradição: à tradição etnográfica de que nos reclamamos, juntamos agora uma outra, a das histórias de vida, com a qual, aliás, tem tecido complicitades, cruzamentos e até sobreposições. Para quem desejava um olhar ingénuo sobre o fenómeno, a nossa bagagem começa a encher-se... mas será que o nosso objectivo fica, deste modo, fora de alcance?

As histórias de vida estruturam uma metodologia que permite a compreensão da evolução de certas condutas ou comportamentos no interior de um dado percurso existencial. Quanto à amplitude, a abordagem biográfica pode inquirir sobre a totalidade de uma vida ou sobre um aspecto particular. Neste caso, a escolha afigura-se-nos simples: pretendemos concentrar-nos sobre a vida virtual e as etapas de envolvimento com os chats.

Este último aspecto ajuda-nos a fundamentar uma outra escolha: pretendemos a realização de um estudo de caso. Na nossa deambulação por diversas salas, acabámos por conhecer uma pessoa que acarinhou o nosso projecto e que se disponibilizou a partilhar as suas opções e a sua vida virtual connosco... e convosco. Assim, pelo menos no capítulo dedicado à Enya, estamos perante uma co-autoria – ideia, aliás, bem comum nas investigações que utilizam estudos de caso.

A opção por uma história de vida não põe de parte a outra vertente que anteriormente referimos. É perfeitamente possível manter

uma colaboração mais ou menos estreita com um ou mais informantes privilegiados. Eles podem cruzar impressões conosco, ou mesmo ensinar-nos comportamentos que desconhecíamos. Podemos, com eles, receber indicações sobre informações ignoradas ou sobre formas de interagir com as quais ainda não nos tínhamos deparado.

3. SOBRE A INVESTIGAÇÃO EM CHATS

Na tradição das etnografias não é invulgar, antes pelo contrário, a ligação pessoal do investigador com o mundo que pretende estudar. Os exemplos multiplicam-se na literatura... que fizemos questão de não citar. Também aqui nós próprios desenvolvemos interesse nestas dimensões virtuais do contacto humano.

Inicialmente tínhamos até alguns tabus sobre este tipo de convivência e nunca pensaríamos, nós próprios, envolver-nos. Conhecíamos, vagamente, casos de pessoas que se tinham conhecido através deste meio e mesmo estabelecido algum tipo de relação afectiva mais duradoura. Ainda assim, o acto de frequentar chats, de chatar, era algo de completamente inverosímil para nós.

As coisas mudaram ligeiramente quando uma colega de trabalho, que temos em bastante apreço, nos disse que gostava de manter alguns contactos virtuais (não necessariamente em chat) e nos confrontou com o nosso preconceito. Na altura, mantivemos a nossa reserva, mas algo despertou alguma curiosidade. Estamos, no fundo, a reflectir sobre o modo como nos aproximámos de determinada conduta. Tais aproximações seguem fases bem estudadas pela sociologia, por exemplo. Analisemos o caso de um simples ladrão de casas: primeiro, nem sequer equaciona hipótese de se tornar assaltante; depois, vê colegas seus a assaltar, interessa-se pela conduta. Era, precisamente, neste ponto em que nos encontrávamos.

E um certo dia aconteceu, abrimos o computador, entrámos num chat. Logo uma nick meteu conversa. Trata-se de um truque bastante praticado: se não temos ninguém com quem falar, uma das formas mais fáceis de iniciar um diálogo é teclarmos com um

recém-chegado. Assim se passaram umas horas, e assim se combinou um encontro para outro dia. Como o ladrão de casas que faz o primeiro assalto, um misto de sentimentos nos tomou: alegria, satisfação, mas também uma necessidade de nos encararmos como distantes do que acabámos de fazer.

Nos meses seguintes os contactos foram irregulares, procurámos diversas salas e tipos de contacto. As coisas não passavam das fases de inquérito: de onde teclas; de onde és; a tua idade, etc. Um diálogo deste tipo acabou por não nos motivar e o interesse de novo esmoreceu. Até que, umas sessões depois, começámos uma conversa sem nenhuma pergunta de inquérito e mantivemos um contacto, a propósito de tudo e de nada, durante umas semanas. À semelhança do nosso assaltante de casas: tínhamos aprendido uma técnica de sucesso que nos permitiu avançar um pouco mais no nosso processo de adaptação ao chat.

Havia, porém, outros aspectos importantes no sentido de aperfeiçoar essa adaptação: a escolha de uma sala. Neste ponto do nosso percurso, já conhecíamos várias. O nosso primeiro relacionamento estável virtual tinha-se desenvolvido num chat que não era muito agradável, pois existia um conjunto de nicks que formavam um clã e não eram muito permeáveis à entrada de “estrangeiros”. Existe também a possibilidade dessa inadaptação provir de alguma inexperiência nossa... de qualquer modo, acabámos por mudar de sala habitual.

Essa nova sala forneceu-nos uma dimensão que o assaltante de casas também necessitou: motivos para fazer os assaltos. O nosso ladrão, em conjunto com o seu grupo de pares, adquiriu lentamente um modo de ver o mundo em que os ricos e poderosos devem ser castigados. Nós, ao chatar nessa nova sala, comparámos o que estávamos a fazer com os antigos e imaginados saraus culturais de tempos idos: vários nicks diziam poemas, outros comentavam assuntos culturais. Tínhamos arranjado um pretexto para nós mesmos... ir-nos-íamos envolver realmente com os chats.

Mas as salas, mesmo as que gostamos, vão mudando de ambiente, conforme é dia ou noite, conforme é fim-de-semana ou dia útil. Fomo-nos apercebendo de todos esses cambiantes, ganhando

novas desculpas e motivações para teclar. Tínhamos já uma motivação enevoadá para explicar a nós mesmos o que fazíamos.

Esta conversa intermitente, este falar sem falar de nada acaba, contudo, por cansar. É certo que já conseguíamos interagir na sala da nossa preferência, mas a relação mantinha-se ambígua: o entusiasmo seguia-se ao desânimo e vice-versa. Aos poucos, afastámo-nos. Até que, fortuitamente, seguimos ainda um passo em frente. Inicialmente não tínhamos um nick fixo, e sempre que entrávamos numa sala, escolhíamos, um pouco ao acaso, um nome diferente. Acabámos por estabilizar num, até que uma chatadora nos perguntou por que motivo ainda não estava registado. Foi o pretexto para conhecer um pouco mais deste mundo, registar esse nick, personalizar o correspondente cartão de visita (a seu tempo explicaremos estes termos).

Dáí evoluímos para dois e mais nicks, como mais à frente teremos oportunidade de referir. Teclando com a nossa chatadora preferencial, tivemos oportunidade de trocar impressões sobre as várias salas, e ao reparar que eram coincidentes, surgiu a ideia de produzir esta pequena reflexão e relato de experiência.

O nick a que já nos referimos, a Enya, achou atraente a ideia da investigação e acabámos por convidá-la para ser informante privilegiada, foi depois ‘promovida’ a objecto do estudo de caso utilizando nós outros informantes.

Neste ponto da nossa vida, enquanto chatadores, tínhamos uma série de impressões sobre as salas, o modo como as pessoas interagiam nesses ambientes. A Enya fez o favor de nos enviar textos sobre esses assuntos que nos interessavam.

Da nossa estadia nos chats surgiram então diversos níveis de análise que estruturam os primeiros capítulos no nosso percurso. Depois, dedicar-nos-íamos a um dos pontos mais importantes deste trabalho: a colecta e análise de uma história de vida virtual. Pretendemos inquirir a nossa voluntária sobre as escolhas que fez na sua relação com diversas salas de chat. Quisémos ainda conhecer o modo como essas escolhas se organizaram no tempo, isto é, como

evoluem a partir de percepções e de experiências marcantes, até permitirem a emergência de uma identidade de chat. Neste último ponto, desejámos conhecer as motivações que a levaram a enveredar por esta actividade, bem como o modo como encara determinadas escolhas, por que mantém ou não uma dada identidade e como faz a gestão dos seus vários nicks. No seu percurso, interessou-nos ainda conhecer a questão do cyberbullying, ou seja fenómenos de rejeição grupal e até de maus-tratos psicológicos. Nestes casos, procurámos conhecer o modo como lidou com esse tipo de violência psicológica, não só a nível afectivo mas também no que diz respeito às consequências que tais tipos de actos acarretavam. Referimo-nos, concretamente, ao abandono de identidades e de redes de contactos.

O percurso a que nos propusemos pretende tocar os principais pontos e aspectos cruciais que se põem em jogo nos chats. Daremos atenção não só às regras grupais e normas que emergem neste tipo de convívio, mas também à questão dos percursos e das escolhas individuais. Por outras palavras: dinâmicas grupais, bem como o modo dessas pessoas gerirem as regras e as transformarem para si num todo que faça sentido.

II. L'AMBIANCE

O primeiro passo a fazer é seleccionar uma sala. Existem para todos os gostos, sendo umas de acesso mais fácil que outras. Passamos a explicar: certos chats exigem um registo prévio e até possuir determinados programas (que se podem obter através de descarregamento ou download). Muitas outras não são tão exigentes quer no que respeita aos programas utilizados, quer ainda no que concerne à questão das identidades, podendo as pessoas escolher entrar anónimas, isto é como visitantes, com um nick ocasional ou com um nick registado.

As salas de chat estão organizadas segundo diversas dimensões e interesses. Um dos vectores mais evidentes tem a ver com as idades. Assim, muitas salas são apresentadas em torno de grupos etários: sala 20/30; 30/40 e por aí adiante. Outras são organizadas por áreas geográficas e concelhos; outras por hobbies, como cinema ou restaurantes. Enfim, todos os temas podem ser passíveis de se tornar mote de uma sala: nomes de cidades estrangeiras, universidade, futebol, mas também assuntos ligados ao campo da sexualidade (en-gate; namoro; relacionamento certo e pouco sério; homossexualidade, etc.).

A oferta, por conseguinte, é abundante, residindo o problema na escolha de um chat propriamente dito. Essa escolha será ditada não só por esses vectores ou interesses, mas também pelo ambiente propriamente dito que se vive nas conversas. Assim, será necessário não apenas decidir que vectores privilegiar ao seleccionarmos salas, mas ainda estarmos nelas durante algum tempo para nos apercebermos dos ambientes e tomar decisões em conformidade. É provável que, mais tarde ou mais cedo, possamos criar as nossas compatibilidades e afinidades.

Depois de escolher um nick, temo-nos de registar ou não, escolher a cor em que o nosso nome aparecerá e ainda outras formalidades que cada chat pode pedir ou mesmo tornar obrigatórias (por exemplo, chats há que requerem um registo em que diversas infor-

mações do campo sócio-demográfico são exigidas)... de qualquer modo, entramos no chat.

Cumpre agora traçar uma panorâmica geral sobre o modo como os diálogos se organizam. Os chats brasileiros usam o termo de rolagem referindo-se à zona do ecrã, uma pequena janela em que surgem as intervenções de todos os nicks. As novas intervenções emergem na parte inferior dessa janela empurrando o que já foi dito para cima. Claro que está que, à medida que as intervenções se sucedem, o que foi dito (ou escrito) acaba por desaparecer, só ficando legíveis as falas mais recentes. Acrescentamos nós que esse rolamento dialogal pode apresentar diversas facetas conforme as salas, onde o elemento cultural acaba por ter alguma importância. Em certas salas anglo-saxónicas que visitámos o rolamento dialogal resume-se às pessoas que entram e saem, por vezes algum recém-chegado lança o repto: "*alguém quer consolar uma rapariga aborrecida?*", imediatamente a conversa passa para outra janela, ao abrigo da curiosidade dos restantes nicks.

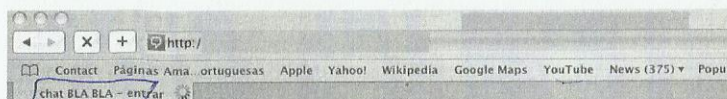
Em certas salas brasileiras, apesar de poder haver conversa em grande sala, os diálogos são pouco efusivos e, adivinha-se, as grandes conversas ocorram maioritariamente em contexto dual ou privado. Nas salas portuguesas que conhecemos a situação é bastante diferente: existe muita conversa pública, fala-se de tudo e de nada e fazem-se comentários dirigidos a todos. Só opcionalmente se pode passar para o privado, ou seja, as duas pessoas que desejam falar com mais privacidade escolhem um nome de uma sala nova e vão para lá, isto é, criam um chat. Está claro que se alguém se aperceber do movimento pode também entrar, sendo a maior parte das vezes encarado como intruso.

Noutra parte do ecrã, situa-se normalmente a listagem de todas as identidades ou nicks que estão nesse momento na sala. Em chats em que o registo de nicks é opcional, são destrinchadas por alguma sinalética as identidades registadas e as que não o são. Numa sala brasileira, ao entrarmos, surgiu no rolamento dialogal, que determinado nick se encontrava bloqueado por não respeitar certas normas

que os gestores de sala entenderam ser essenciais para se assegurar um bom ambiente. Inclusive, muitos deles prevêem a opção de se poder entrar em contacto com os operadores, mesmo via e-mail, para todos os assuntos que cada nick possa achar mais pertinentes.

Numa das salas que mais frequentámos existia ainda uma combinatória entre os diálogos e a cor com que apareciam no ecrã, passamos a explicar: quando se falava para a sala toda, o nosso escrito surgia em cor de laranja para nós e em azul para os outros; se falássemos para um conjunto de nicks, surgia em vermelho; se numa fala de outro nick para toda a sala, surgisse o nosso nome, essa frase vinha em vermelho. As letras surgiam em cinzento se a conversa não fosse nossa, ou seja a maior parte do rolamento dialogal.

Da mesma forma, quando falávamos com um nick em particular surgia, antes da frase “*nick x para nick y*”. Também frequentámos salas em que se podia escolher o tom da conversa: falar reservadamente; abertamente, etc...



Sala: 20-30

entra bonanza

Bládimir para bonanza : Em Foto no aeioi > Indústrias Criativas: Agência para gerir plataforma transcultural vai ser lançada a 12 de Maio

luacheia30 para MoReNo_2 : divorciada

entra nino_20_ix

bonanza: hfghf

entra badboy_2

Laracroft para visitante_7 : assistente administrativa

Estudante_H para nina_2 : tambem ta tudo bem

MARCO_2 para luacheia30 : queres vir cmg?

nino_20_ix para nina_2 : oi

luacheia30 para MARCO_2 : para onde

MoReNo_2 para luacheia30 : solteira então

badboy_2 para nina_2 : oi

MoReNo_2 para luacheia30 : com ou sem filhos?

luacheia30 para MoReNo_2 : nao nao sou

Estudante_H para nina_2 : es de onde?

visitante_7 para Laracroft : deves ser uma girasa

luacheia30 para MoReNo_2 : sim sem filhos

nina_2 para Estudante_H : maia e tu?

MARCO_2 para luacheia30 : sala luacheia

luacheia30 para MoReNo_2 : sou divorciada

Estudante_H para nina_2 : coimbra

entra diogo_2

Eis um exemplo de um rolamento dialogal:

Tal organização permite uma evolução das conversas assaz peculiar. Um nick experiente entra no chat assim: cumprimenta toda a sala e logo os nicks conhecidos lhe respondem. Entra na conversa que os nicks estão a ter para todos, em tons de azul, e se quiser pode entrar em conversa com uma pessoa em contexto de grande sala (igualmente em grande público) ou então passa para sala privada com todas as evoluções que a partir daí são possíveis: trocar contacto de messenger e conversar noutros contextos; trocar números de telemóvel e passar a falar ou a trocar mensagens; entrar em contacto via webcam; partilhar músicas através de links para o YouTube, etc, etc, etc. Esta organização permite, inclusive, a emergência de palavras novas (de que trataremos num ponto seguinte) como por exemplo “azulei” no sentido de que um determinado nick estava a interagir com outro, a conversa acabou e agora volta a falar para todos, opção em que, recordamos, as frases surgem em tons de azul.

Muitas pessoas se queixam, em contexto de grande sala, que tiveram experiências negativas quando privaram com alguém: “as pessoas parecem uma coisa aqui, mas quando vão privar mudam logo...” Deste modo, existe uma relação ambígua com o privar, pois se muitas identidades dizem que não privam, notamos apesar de tudo que existem muitos convites para conversas à parte e para a criação de salas privadas, e que muitos nicks ficam ausentes da grande sala (o que indicia que foram privar).

Os nicks que são habitués de uma determinada sala, com identidade registada e a sua rede de relações virtuais constituída, não privam com desconhecidos e só depois de algum tempo a teclar é que, eventualmente, se permitem a essas intimidades. Também é certo que muitos diálogos iniciais se centram exclusivamente em tentativas de identificação: identidade, género, idade, estado civil, de onde teclas?... e aí os convites para se ir privar acontecem mais facilmente.

Parece-nos que em muitas comunidades nicks, e antecipando alguns pontos de que iremos falar mais adiante, fala-se para todos, num tom humorístico próprio, e raramente se fazem perguntas

sobre a intimidade. Somente quando a relação passa para diferentes suportes (como por exemplo a sala privada ou um programa messenger) é que esse tipo de perguntas pode acontecer.

Muitos chats possuem também operadores de sala relacionados com a empresa que a suporta que têm como função manter o nível do diálogo. Assim, sempre que alguém esteja a incomodar a interação, pode ser suspenso momentaneamente. Em certos chats, os nicks registados e com mais experiência também têm o poder de excluir da sala mas raramente o fazem, pelo que nos apercebemos: a exclusão é temporária e permite o regresso da mesma pessoa com um nome diferente. Outra opção passa por falar apenas a todos os nicks registados que, nalgumas salas que contactamos, são denominados *gurus*, em termos de rolamento dialogal surge:

“bonanza para rosinha etc e tal:”

Noutro dos chats que frequentámos existia ainda o Lenine, um programa de computador que estabelece conversas em eco com um nick, caso mais ninguém estiver. Os operadores de sala podem, se assim o entenderem, assumir certas identidades incluindo o papel desse personagem fantasma.

Existem ainda as variações de ambiente ao longo do dia e durante o fim-de-semana. Assim, em horário de expediente nota-se que muitos dos nicks estão na sala nos pequenos (ou grandes) intervalos que o trabalho lhes concede. Por vezes, as conversas são interrompidas sem aviso e existe um certo humor em relação ao emprego que se está a burlar. À noite, existem as pessoas que trabalham no dia seguinte e, por isso, por volta da meia noite, uma da manhã, retiram-se. Na madrugada, em que o número de nicks acaba por ser mais reduzido, podem surgir conversas mais pesadas. A adaptação a uma sala passa por todas essas etapas.

No rolamento dialogal, surgem indicados os nicks que entram e que saem. A esse propósito nota-se a criação de um certo humor: *“vou-me mudar”* (no sentido de sair da sala e entrar com outro nick). Há identidades que brincam com a situação e reentram

dando pistas aos que ficaram e que permitem a reidentificação. Assim, com o passar do tempo e o estreitamento dos laços virtuais, podem-se conhecer dois, três e mais nicks das pessoas com as quais temos certa confiança. Nalguns sites brasileiros, em que o número de chats é elevado, existe a possibilidade de procurar um determinado nick.

Se um nick fica muito tempo na sala sem interagir com ninguém, pode acabar por ser excluído, nesse caso surge no ecrã: o seu tempo expirou, o que não invalida uma reentrada passados poucos momentos. Assim, os vários nicks que não têm nada para dizer mas que pretendem manter-se activos acabam por, de tempos a tempos, lançar alguma coisa sem sentido para o rolamento dialogal, um simples ponto final, um “lendo” ou qualquer outro sinal gráfico.

São estes os aspectos mais importantes no ambiente de uma sala. As suas características podem resumir-se ao rolamento dialogal; aos nicks; aos diálogos nas suas várias expressões (o falar para todos, o falar para alguns ou o falar apenas para um nick); aos contextos em que as conversas se desenrolam, isto é em grande sala ou em privado. Claro que existem cambiantes e variantes que apenas existem em determinadas salas, podendo haver o recurso de sinais gráficos como caretas, flores, bolas (num site usava-se o sinal »»»»»»»»»»○e ««««««««««○ para devolver a bola, como se estivéssemos perante um jogo real).

Pressentimos a passagem das conversas para outros suportes, sejam eles o privado, o messenger, com as possibilidades de voz e de imagem, viabilizadas por uma webcam e mesmo o telemóvel. Paralelamente a tudo isto, lemos em várias falas que as pessoas vêm ao chat para fazer terapia e que há sempre um problema atrás de cada nick. Também notámos frequentemente uma atitude ambígua, do género: *“eu quase nunca venho aqui, não gosto de chats”*. Por vezes, mesmo em casos de utilizadores mais experientes, existe uma atitude de crítica, *“isto está aborrecido”* ou *“não se passa nada hoje, vou-me embora”*.

Por vezes, há a intrusão de pessoas que pretendem apenas deses-

tabilizar a conversa. O intuito é fácil de alcançar: basta repetir algum sinal gráfico e, através de cópias sucessivas (o celebríssimo copy paste), invadir o rolamento dialogal. Em poucos momentos, o ecrã fica completamente cheio desses sinais e, por conseguinte, todos os restantes diálogos ficam como que suspensos. Essa intrusão pode acontecer também através do uso de uma linguagem imprópria àquela que normalmente se usa naquela sala. Urge então a intervenção de um operador. No entanto, em conversas normais, pode teclar-se ao acaso, como forma de nonsense e de humor:

bonanza para lindinha: toma lá aphgialdkjbvalueirtyqppure

Ou ainda um bizarro:

bonanza¹ para bonanza: então como estás?

Este falar para si mesmo permite escapar da conversa em azul, conversar com alguém de modo incompreensível aos outros nicks. Pode ainda funcionar como modo de ter um comportamento visível na sala e despertar o interesse de alguém.

Uma referência ainda a um outro fenómeno que começa a ser comum em certas comunidades virtuais, o cyberbullying. Explicitando: o bullying tem a ver com um comportamento agressivo, reiterado no tempo, que normalmente provoca sofrimento nas vítimas, somado a baixa auto-estima e a uma sensação de impotência. O cyberbullying tem a ver com esse tipo de comportamentos, mas cometidos em espaço virtual, que podem passar por insultos e calúnias, tornando-se por vezes bem desagradáveis. As suas consequências podem ser localizadas (numa sessão, um dado nick começou a implicar connosco) ou mais prolongadas no tempo (em casos de comunidades virtuais já permanentemente em comunicação via messenger, ou mesmo em contexto de grande sala). Nestes casos, as

¹ Utilizaremos o nick bonanza como identidade ficcionada do autor.

consequências são bem mais desagradáveis, até porque há muito mais a perder, principalmente quando o nick apostou numa certa permanência naquele chat específico.

A linguagem e as formas de escrita são a base dos diálogos e os diálogos em si mesmo, uma vez que a maior parte deles se fazem com base em frases enviadas para a sala. Ora este suporte define uma virtualidade e um contexto comunicacional peculiar. Em primeiro lugar, sublinhemos a importância da estruturação de um lugar em que se encontra um grupo aberto, com identidades fictícias, mas ainda com alguma estabilidade. Em segundo lugar, o facto das conversas ocorrerem na forma escrita potencia a criação de um sentido de humor específico, com suas próprias palavras e sinaléticas.

É de realçar o facto de, em vários sites, a variedade de sinais disponíveis poder fazer avançar um diálogo sem que os intervenientes tenham de recorrer à palavra escrita: oferta de flores; tirar supostas fotografias com um ícone de uma máquina fotográfica; sorrisos, esgares; entre muitos outros casos.

Esperamos ter traduzido, o mais fielmente possível, alguns dos aspectos principais que formatam a comunicação numa sala. Preocupamo-nos, ainda, com os contextos que estruturam a comunicação, com as possibilidades de diálogo que estão previstos em muitos desses chats. Vamos então reflectir sobre os laços que os chats estabelecem com a realidade, quando não criam eles uma realidade virtual de *per si*. Cumpre agora ir mais adiante, pois como vimos alguns perdido no rolamento dialogal: “*detexto esperar*”.

1. UMA TENTATIVA DE ENCONTRAR O REAL

As conversas banais de identificação: de onde teclas?; estado civil; m ou f; são bastante frequentes. Muitos dos diálogos iniciam-se em torno destes assuntos, como se deste modo se conseguisse aceder a uma imagem mais concreta do outro. Afirmava um nick: “*eu quero saber a pessoa com quem estou a teclar*”. Vimos vários casos de diálogos dirigidos rapidamente para o real em que se observa a partilha

de intimidade, em contexto de grande sala, mesmo de coisas que raramente se contam a alguém.

Existe de facto um contexto propício à aceleração de relações, se nos é permitida a expressão. Relacionamo-nos com frases, e elas indicam de facto parte da personalidade de quem está do outro lado, mas não revelam tudo: muito é construído por nós mesmos, nos espaços lacunares de um diálogo que é apenas escrito. Nas salas que observámos, muitos nicks não registados e por isso menos experientes ou pelo menos não muito comprometidos com a sua identidade virtual, pois não usam os seus nicks habituais, dirigem as conversas no sentido de concretizar identidades e cumplicidades: “*onde moras?*”; “*que trabalho tens?*”, etc... Assim, pressupomos que a passagem a outras formas de comunicação está acelerada e o conhecimento pessoal, por telemóvel ou “ao vivo”, acaba por se tornar bastante rápido.

Nota-se, aliás, que existe um segmento importante de diálogos que se dirigem a estes objectivos. Há muitos nicks que pretendem relacionamentos afectivos e sexuais, cujos intuitos estão desde logo bem esclarecidos nas próprias identidades que escolhem, como veremos num ponto seguinte. Mas mesmo nestes casos, os resguardos são evidentes, como respondia um nick quando perguntado sobre a sua profissão: “*sou funcionário público*”, escusando-se a mais detalhes.

A este propósito, ouvimos dizer (lemos) no rolamento dialogal, uma frase lapidar sobre o assunto “*eu nunca minto, omito*”. Está claro que, à medida que as experiências se sucedem, e se somam algumas desilusões, os cuidados vão aumentando. Outra solução passa pela escolha de um nick que possa já fazer essa sinalização de modo rápido e, às vezes até dirigir a conversa num determinado sentido, por exemplo: casadoquermulher ou ainda M37Lx (mulher de 37 anos de Lisboa). Este último nick disse-nos que tinha escolhido esta sigla para evitar as perguntas pré-formatadas.

Na sequência, ou mesmo independentemente deste tipo de comportamentos e atitudes, estrutura-se uma outra linha de procura na sala de chat. Ela remete para segundo plano a procura de

dados sócio-demográficos dos nicks, e tenta recriar um outro mundo onde flutuam as conversas. É o que veremos de seguida:

2. EM BUSCA DE UMA REALIDADE VIRTUAL

Muitas identidades, mais experientes e com outros interesses em relação às conversas virtuais, recusam-se a responder às conversas que tentem concretizar coisas do mundo real e consideram este tipo de perguntas como inquirições invasivas: “*por favor, interrogatórios não!*”. O subentendido destas perguntas passa pela procura de algo que não existe e que permanecerá sempre no domínio do virtual, realmente: se se for casado, solteiro, se se teclar de Braga ou de Évora, o que é que isso acrescenta à conversa? E será que, uma vez satisfeitas essas perguntas, se fica mesmo a saber algo sobre a outra pessoa?

Assim, quer se trate da procura de dados reais, quer se circule na realidade virtual, que começamos agora a abordar, existe sempre, em relação aos conteúdos, um certa contenção sobre o que se pode dizer em contexto de grande sala. Mas a criação ou replicação de uma realidade virtual em chat é muito mais do que isto. Se não, vejamos: os nicks, além de não responderem a interrogatórios, não fazem perguntas pessoais a outras identidades neste contexto (se privarem a conversa é outra, como veremos). Desenvolve-se um certo humor que passa frequentemente por fingir que se está no mesmo espaço físico, por exemplo:

“*Bem vou tomar café, alguém quer vir comigo?*”

Ou ainda:

“*... os nicks que acabaram de entrar, dêem-me os guarda chuvas, que esta sala custou-me muito a limpar...*”

As frases deste género são mote para diálogos, por vezes hilariantes, em que se vão criando cumplicidades, até à identificação de estilos de teclar que podem permitir, depois, um eventual aprofundamento de relações. E tomando por mote duas frases acima trans-

critas, eis outros exemplos: “*eu vou contigo tomar café, mas o meu é sem açúcar*”; “*tome lá o meu (guarda-chuva), tome bem conta dele*” – (neste caso, quando íamos a sair da sala e a fazer as despedidas, pedimos de volta o guarda-chuva, indignados: “*boa noite não, e o meu guarda chuva?*”). Num dos diálogos que conduzimos, a dado momento, cometemos uma indiscrição, pelo que ouvimos: “*xiu, fala baixo*”.

Aliás, um nick que funcione neste registo, ao entrar, pela primeira vez nesse dia, na sala em que é habitué e em que possui uma rede de relações virtuais, saúda as pessoas que conhece. Da mesma forma, despede-se quando vai sair: termina a conversa que está a ter e dirige-se a toda a sala; de seguida, os nicks conhecidos respondem-lhe. Às vezes, prolongam-se as despedidas pelo que, humoristicamente, alguns nicks invectivam: “*ainda não foste embora?*”; “*...vai dormir, estás cheio de sono...*” e outras frases do género.

A boa educação é outro dos princípios que surgem frequentemente e que, além de estar patente nas saudações, pode revelar-se noutros aspectos, como por exemplo: um nick dizia que respondia sempre a quem lhe dirigisse a palavra, a menos que a conversa começasse a azedar ou estivesse a ter um diálogo interessante com outro nick. Ao ter esta atitude, certas identidades começam a ter conversas com vários nicks simultaneamente, com todo o ruído e confusão que isso possa gerar: ao conversar com uma pessoa, a determinado momento, ela pode fugir para outras conversas... mas se existe confiança, este tipo de episódios acaba por ter graça, pois mais à frente o contacto pode ser retomado.

3. AMBIGUIDADE DE INTENÇÕES

Acabámos de ver como se recria uma realidade, inclusive com representações humorísticas do mundo real. Este tipo de diálogos pode ocorrer entre nicks ou falando para todos (a conversa em tons de azul de que já falámos). Forma-se, assim, um caldo de trocadilhos e piadas onde podem surgir cumplicidades. É que a realidade virtual, este falar de tudo sem falar de nada, pode tornar-se cansativo.

Nós próprios, depois de termos ultrapassado a fase dos interrogatórios, acabámos por nos envolver em conversas azuladas, a propósito de tudo e de nada que, por vezes, criavam um certo vazio.

Estamos em crer que um posicionamento deste género permite o envolvimento com o chat sem ter de haver uma exposição ou partilha da intimidade perante pessoas que, na realidade, não se conhece. Assim, é comum numa comunidade estável de nicks registados se formar o tabu de não fazer indagações que envolvam o foro íntimo. É verdade também que, aprofundando afinidades, as curiosidades vão sendo atiçadas e estas regras nem sempre são observadas, por exemplo ao sermos assim indagados, acabámos por responder:

“*a fazer perguntas dessas? Curiosita... :)*”

Ou seja, não satisfizemos a curiosidade, relembramos a regra, ao mesmo tempo que o símbolo do sorriso amenizava o tom da censura.

Podemos concluir que o mundo real está sempre à espera, quer seja de um modo directo, como vimos no ponto anterior, quer ainda através desta conversa eterna e flutuante em que, de tempos a tempos, as indagações sobre as verdadeiras identidades acabam por emergir.

4. SOBRE AS CONVERSAS

Conversar para todos, conversas azuladas, entrar num certo ambiente humorístico que pode ser partilhado a dois, três ou mais nicks: eis algumas das possibilidades mais evidentes. Existe, assim, um espaço de partilha, mais ou menos estável, conforme quem estiver na sala. A partir dele pode evoluir-se para conversas a dois no espaço da grande sala, com todas as interferências que depois surgem. Por vezes, ainda nas conversas azuladas, dirigidas a toda a sala, podemos estar a falar com uma pessoa em especial, e ela entender pelo contexto que é a ela que nos estamos a dirigir. Só mais à frente, é que podemos seleccioná-la e falar a dois, saindo do rolamento dialogal

em azul, que passa a cinzento para os outros nicks (e, por isso, com menor probabilidade de ser lido) e a cor de laranja/vermelho em relação à pessoa com quem estamos a falar.

Podem acontecer também as conversas cruzadas, quer ainda, nos casos de nicks que mantêm vários diálogos em simultâneo. Também nas conversas com nicks seleccionados emergem conversas cruzadas, como já dissemos: podemos estar a falar com a loira_algarve e ela estar a falar connosco e com o solteiroLx, enquanto que, por sua vez, um outro nick tenta falar connosco. Imaginem agora que toda a gente tenta responder a toda a gente, e a confusão que daí advirá.

As conversas dirigidas podem também servir de suporte a subgéneros de humor. Assim, um nick de quem éramos próximos e com o qual mantínhamos uma conversa dirigida, mandava beijos aos recém-chegados dirigindo-se ao nosso nick:

*"Pastilhinha para bonanza: olá ternura ***** para ti"*

Ou seja a Pastilhinha mandava beijos à ternura, não deixando de se nos dirigir. O diálogo evocava um contexto de convívio social em que a Pastilhinha nos arrastava pelo braço e cumprimentava os seus conhecidos, enquanto não nos perdia de vista. Mais uma vez, esta replicação do real dentro do chat permite risos e a continuação eterna da conversa flutuante.

5. OS SINAIS E A LINGUAGEM

O facto de toda esta interacção se passar em torno da escrita torna todo o diálogo muito específico. Existem óbvias necessidades de pragmatismo na comunicação, assim as palavras surgem grafadas de modo abreviado, sem acentos, sem h e todo o género de simplificações. Em salas em que a média de idades é menor, estas questões são ainda mais visíveis.

Uma outra potencialidade passa por um conjunto de sinais gráficos, que se organizam como um todo relativamente bem estruturado. Sublinhamos ainda que diversas salas disponibilizam uma série, por vezes até bastante completa, de grafismos. Frequentemente,

todos esses símbolos dispensam palavras ou modulam frases escritas, no que ao seu aspecto afectivo se refere.

Vamos então analisar alguns convites e frases que se podem dirigir a todos, no contexto do rolamento dialogal que anteriormente referimos, e depois os sinais ou palavras grafadas de modo especial, quando não completamente inventadas.

No rolamento dialogal surgem links a blogs pessoais, às vezes a sites específicos, quase como se se tratasse de publicidade. As pessoas que entram podem efectuar convites gerais, do género:

"ola, alguma mulher p teclar???"; *"alguém de Lisboa, que queira teclar?"*

Isto entre outras possibilidades. De modo geral, o teclar e o ler podem servir como sinónimos de falar com alguém e ver alguma pessoa, atentemos: *"...há mto tempo q n te lia"*; *"... lemo-nos um dia destes..."*; *"...não me entendas ao pé da letra"*; *"gostei de teclar contigo"*; *"quando nos teclamos outra vez?"*.

As formas de escrita abreviadas são muito comuns, especialmente em chats em que as idades dos nicks sejam menores, como por exemplo: *"tb t amu"*; *"és kida, tu"*. Também é comum *nino* ou *nina* para menino/menina que são usados, frequentemente, como sinónimos de homem ou mulher: *"és nino ou nina?"*. A necessidade de formas de escrita rápidas, para permitir acompanhar o rolamento dialogal, são por demais evidentes. Existem também casos em que os grafismos alternativos, diversas vezes observados, não possuem nenhuma vantagem evidente: *"naxi"*; *"i tu?"* Ou permitindo uma economia na escrita: *"rxp"*, responde; *"tds"*, todos; *"fx"*, fixe; *"nd"*, nada; *"tb"*, também; *"mm"* para mesmo.

Intrincada nesta necessidade, existe também a linguagem ternurenta. Tratam-se de palavras que podem aproximar as pessoas, mesmo em termos eróticos, apenas aumentando a empatia nas conversas ou somente estabelecendo cumplicidades. Fazem parte desse léxico o *"kida"* e alguns sinais de que falaremos em seguida, mas também os beijos (nos seus vários grafismos), os diminutivos e, em certos sites, o envio de flores. Outros exemplos: *"boa tarde pa tu"*;

“*jinhos*”. Aliás, os beijos possuem, como na vida real, uma infindável série de nuances:

***** pa tu

schuaaaaaaaaaaak ou kissar, “*já me kissou?*”

bjo, bju ou mesmo beijos que podem chegar a quase uma linha:

***** ou bjooooooooooooooooooooo.

Os beijos podem ser dados à entrada da sala ou à saída. Frequentemente, surgem também no meio das conversas e podem ser expressão e desencadeador uma espécie de aceleração relacional, fácil de se observar nos chats, ou seja: dá-se abraços e beijos e beijinhos a pessoas que não se conhece e com as quais as formas de cumplidade são, pelo menos, incipientes (se tivermos o mundo real como quadro de referência).

A criação de novas palavras é outro dos fenómenos que se observa com frequência. Já notámos anteriormente como certas palavras são apropriadas, para serem posteriormente usadas num campo semântico diferente, como por exemplo o “*teclar*”. Referimos de passagem o “*azular*” (deixar de ter alguém especial com quem conversar e voltar a dirigir as frases à sala no seu todo) mas existem muitos outros exemplos, uns mais universais do que outros. O humor e a imaginação de cada um desempenham aqui importantes papéis. Assim temos um “*obserlendo*” teclado por um nick que estava a ler o rolamento dialogal, sem muita vontade de nele participar. Surgiu também a “*chatnovela*”, palavra lida num comentário a uma conversa que estava já bastante confusa, ou o verbo “*desnicar*” traduzindo a acção de estar a falar para uma identidade (ou nick) e depois seleccionar outra ou passar a falar para toda a sala, por exemplo numa frase: “*tenho de dar um beijo à patega, vou-te desnicar só um bocadinho...*”. Isto entre muitos outros casos, de que será quase impossível dar conta de um modo exaustivo.

As frases podem surgir com grafias bastante estranhas:

“*nina com 20 anox pa tklr?*” (num convite dirigido a toda a sala, convidando para teclar uma pessoa que reúna aquelas condições).

Existem outras estratégias, como o “*oiiii*” ou o “*oix*” que são olás apelativos. Ou o “*adixionem*” ou “*adicionem*” que se refere a incluir um mail no messenger e passar a pertencer à lista da outra pessoa: assim, sempre que uma estiver na net a outra fica a saber e, se quiser, poderá entrar em contacto. Libertando-se assim de imponderáveis e de desencontros...

Quanto às siglas, para além das grafias simplificadas, o esquema habitual é a supressão das vogais:

“*dd*” de onde és; “*idd*” idade; “*ddtcl*” de onde teclas que pode ainda ser escrito “*dd tc?*”;

“*rs*” ou “*rssssss*”, ou ainda ainda “*rsrsrsrsrs*” para raios de sol ou sorrisos, uma forma de dar um tom positivo ao que se disse e também um modo de reagir ao que o outro afirmou e que foi agradável para nós;

“*eheheh*”; “*ahahahah*”; “*lol*”; “*loool*”; “*ololol*”; ou “*lololo*” ou uma boa gargalhada “*looooooooool*”;

“*zzzzzzzzzzzz*” se a conversa não se desenvolve, a sala não nos está a agradar ou a pessoa com quem dialogamos não diz coisas que valham a pena – em todos estes casos podemos ficar cheios de sono;

“*yap*” e “*nop*” para sim e não; “*okapa*” para o vulgar okay;

“*tsss, tsss*” como sinal de desaprovação com algum fundo de ternura.

Existem de facto grafias que, dada a urgência de tempo, surgem simplificadas, mas também há casos em que parece emergir um sentido estético. Por outras palavras: surgem grafias que são diferentes apenas por opção e que não cumprem qualquer simplificação ortográfica. As perguntas de identificação, pelo contrário, obedecem aos imperativos da concisão máxima. Outro aspecto importante passa pela modulação afectiva das conversas, quer ela passe pela gargalhada, o aborrecimento ou o simples olá. Aliás os sinais, de que nos vamos ocupar de seguida, cumprem com eficácia estes objectivos.

Os sinais regulam, entre outros papéis, modulação afectiva das

frases enviadas. Servem, portanto, como modo de enriquecer contextualmente os diálogos. As suas funções não terminam aqui, podem fornecer pistas para acções ou mesmo traduzir estados de alma ao se ler determinadas frases. Em seguida, apresentaremos uma lista dos principais sinais com que nos confrontámos ao longo da nossa estadia em diversas salas de chat.

☺ ou :) ou -)) ou ainda o) que é o risonho, usado como sinal de concordância com o que a outra pessoa acabou de dizer; como forma de darmos uma modulação positiva às frases que enviámos e que poderiam ter uma interpretação menos calorosa. Pode surgir também como reacção ao que o nick com quem conversámos acabou de nos dizer. Como em muitos sinais existem cambiantes quantitativos: :)))))))).

☹ ou : (ou o:(ou ainda -(((, é o tristonho, sinal de tristeza ou desapontamento com o que se acabou de ler; pode ser uma forma de dar uma modulação negativa às frases que teclamos, em oposição ao risonho: :((((((((pois também possibilita variações quantitativas.

* o asterisco serve para corrigir erros em frases anteriores, ou seja: escrevemos uma fala e enviamo-la, mas depois damos conta que escrevemos qualquer coisa mal e que essa grafia obscurece o sentido do que se teclou, com o asterisco podemos, rapidamente, fazer a respectiva emenda.

;) ou -ô ou ainda o~. significa piscar olho como sinal de cumplicidade ou de partilha, para além das palavras, do que se acabou de dizer.

(~.~) olhos fechados como sinal de enfado ou ainda pode ser usado para dar a entender que se está a ler o rolamento dialogal, um pouco à imagem dos sinais que de seguida apresentamos.

(*_) ou d(*_)b (~.~) ou ainda (••) significam estar a ler o rolamento dialogal sem, propriamente participar nele. O parêntesis delimita a cara; os pontos e asteriscos os olhos. O underscore, ou o ponto mais baixo, é boca tentando mimetizar alguém que está atento. Existem infinitas variações sobre o tema do rosto: \$(*__*)\$ que parece ser uma face feminina com os respectivos brinco e ador-

nos no cabelo ou um mais austero (-.-) ou simplesmente -.- ; oo; 0..0; #~#; e finalmente um observador °°.

[[[[]]]] ou apenas [] é o abraço, sinal que raramente vimos.

~~~~~ ou ~~~~~= ou ainda ~~~~~° um dos nicks com quem contactámos defende que este sinal simboliza o estar a fumar, com a variante de fazer anéis de fumo, como nos respondeu uma informante: *“pelo menos é o que normalmente dizem quando os fazem...lol”*. As pessoas pretendem transmitir o sentimento de algum relaxamento na sala, um pouco na sequência de recriar um real virtual dentro do próprio chat. Este sinal possibilita infinitas variantes: ~~~~~= ou ~°° entre muitos outros exemplos.

(;•) esta careta simboliza o estar a observar, sem ter grande participação na sala. Sublinhamos também que, por vezes, no rolamento dialogal surgem concursos de sinais que são difíceis de decifrar.

« ou «————— pode significar passar para outra sala de chat. É de sublinhar a possibilidade de as pessoas se associarem entre si, combinarem coisas no privado e irem a uma outra sala brincar com os nicks que lá estiverem. Pode ainda significar estar de saída. Vários nicks, com quem contactámos, sinalizaram desse modo as suas entradas e saídas de sala, respectivamente: —————

« e —————»

:p) pôr a língua de fora, com as modulações afectivas já referidas para o risonho e o tristonho e com as variantes (\*p\*) e d(\*p\*)b a que corresponderia uma língua de fora sublinhada por umas mãos a fazer as correspondentes mímicas.

O como sinal de espanto, como se representasse uma boca aberta.

°\\_/ °\\_/ detectámos esta imagem no rolamento dialogal sem sabermos exactamente o que significava, lavar a roupa? Mais tarde descobrimos ser esta outra forma de recriar o real no interior do imaginário: os símbolos significam copos, cocktails, podendo servir como convite para beber qualquer coisa virtual.

Em muitos outros casos, pareceu-nos que diversos nicks usavam apenas a potencialidade que o teclado oferecia, introduzindo no ro-

lamento dialogal símbolos sem nenhum significado evidente. De seguida mostramos alguns exemplos, recolhidos um pouco ao acaso:

§  
\_\_\_\_\_::\_\_\_\_\_;;  
«« »»  
+k+  
.¥.

Dando a impressão que muitos chatadores exploram o comando “inserir”, procurando novos sinais.

Numa das nossas sessões de chat, numa sala dirigida a nicks mais idosos, começámos a escrever com muitas abreviaturas, tentando uma conversação mais célere, do outro lado comentaram:

*“já andas a escrever como os miúdos?”*

A observação reforça-nos a ideia, desde há muito pressentida, de existir de facto uma diferença substancial na forma de escrita conforme os níveis etários. Assim, se observarmos durante algum tempo certas salas, acabamos por notar que a diferença no uso de siglas e de ortografias simplificadas é substancial. Parece-nos, de facto, que em salas com um nível etário mais baixo os atropelos ortográficos são muito mais frequentes.

De qualquer modo, o estudo de sinaléticas na população adolescente cruza-se também com o contexto das mensagens de telemóvel que constitui, só por si, um mundo à parte.

A linguagem e o tipo de conversação obedecem a imperativos óbvios da eficácia, ao mesmo tempo que estruturam uma certa estética na grafia. Podemos citar, um pouco ao acaso, algumas ilustrações em que nada se ganha em termos de celeridade de comunicação: “*kue dizes?*”; “*xim?*”. Não queremos, com isto, defender que a grafia esteja estável e que existam normas estabelecidas em relação a estes aspectos, é tudo rápido e em mutação.

O que acabamos de dizer, porém, não impossibilita a existência de sinais e palavras que sejam de aceitação mais generalizada, espe-

cialmente para os primeiros. Essas grafias alternativas, sem evidentes ganhos a nível de rapidez de teclar, podem ainda compreender-se pela vertente afectiva ou humorística... mas deixamos aqui apenas pistas.

Os sinais servem também como forma de reconstituição parcial da linguagem falada como um *não verbal grafado*, se nos é permitida a expressão. Afinal, também estas palavras e sinais participam de um movimento já acima referido da reconstituição de um real dentro do mundo virtual. Terminamos o tópico, precisamente, a constatação: é chegado tempo de sistematizarmos um pouco as nossas observações no que diz respeito não só ao suporte dos diálogos, mas também a todas as áreas que aqui projectámos.

## 6. SOBRE AS IDENTIDADES VIRTUAIS: PRIMEIRA APROXIMAÇÃO

Os chats estruturam uma realidade fluída que oscila permanentemente entre vários eixos que nomeámos. Muitas pessoas funcionam no registo da realidade material, ao procurarem saber dados sócio-demográficos. Provavelmente, para elas, o importante é remeter rapidamente os contactos para contextos diferentes, inclusive no mundo real. Outros nicks, os habitués das salas, mantêm-se permanentemente numa conversa eterna, a propósito do que acontece no rolamento dialogal, sem comprometer dados da sua identidade material. Ao longo da sua estadia tecem cumplicidades e formas de estar com outros nick, e é partir daí que os contactos podem evoluir para outros contextos.

Os próprios sinais e palavras que acabam por surgir e que formam um certo jargão, possibilitam formas de expressão condizentes com esta oscilação. O não verbal virtual, a realidade que se tenta recriar em contexto de chat, tudo isso encontra suporte nesta rede de expressões de que falámos.

Assim, as identidades virtuais acabam por oscilar entre essa busca imediata de materialidade (“*qual o teu estado civil?*”; “*de onde teclas?*”) e a recriação de um mundo inexistente em que as cumplicidades se somam e uma certa postura cool acaba por surgir. Por

exemplo, seguimos o diálogo de dois nicks que comentavam a postura mais imediatista que surgia na sala e que mantinham uma conversa humorística em torno do “dá-me o teu mail” e do “de onde teclas?”. Mantendo, assim, uma posição de sobrançeria face aos avatares que procuram constantemente a realidade.

Sinais como observar (•¿•) e ler o rolamento (\*\_\*) podem reforçar essa ideia de materialidade, transpondo para a conversação acções e posturas tipicamente humanas (e aqui fazemos um irónico “eheheheh”). De qualquer modo, as identidades habitués que se alimentam da eterna conversa, prezam certas posturas de que ainda daremos conta. Aliás, o conhecimento destes sinais, a atitude cool, o não dirigir palavra a um nick específico, só o fazendo se a conversa o justificar de modo pleno, favorecem as cumplicidades entre os avatares mais experientes.

Aconteceu-nos, por vezes, esse reconhecimento, a detecção no outro de uma atitude cool, em que os inúmeros indícios de se ser experiente em chats, facilitaram a aproximação: já se subentende que não se vai invadir a intimidade do outro nick, nem ser mal-educado. Uma ocasião em que nos metíamos com certo avatar, dois habitués da sala chamaram-nos subtilmente a atenção para uma eventual incorrecção da nossa parte. Também em certo momento de uma interacção, uma pessoa que mal conhecíamos fez-nos perguntas pessoais e logo alguns nicks, atentos ao rolamento dialogal, e que nos conheciam virtualmente, invectivaram-nos à resposta que, evidentemente, tivemos de tornear.

Em suma, apesar da virtualidade das conversas e da mutabilidade das identidades, parecem estabelecer-se cumplicidades e reputações a defender. Ou seja, certas condutas devem ser observadas se desejarmos aproximar-nos de nicks experientes numa dada sala e se, por algum motivo alguém se tornar indelicado connosco, podemos sair do chat, mudar de nick mas não prescindir dos nossos contactos pois, eles conhecem-nos outras identidades e, de algum modo, gostam de nós.

### III. OS AVATARES E AS SUAS INTERACÇÕES

Ao se aceder a uma sala, a pessoa pode entrar como anónimo e ficar como visitante número x (dependendo do número de visitantes que já entraram nesse dia) ou então pode escrever um nome com que pretenda ser reconhecido. É pouco comum que se escolha o verdadeiro nome, opta-se a maior parte das vezes por fantasiar um nick, uma alcunha, e forjar uma proto-identidade. Uma outra possibilidade surge através de uma atitude de distância, sugerida pela escolha de nicks do tipo “sóleio” ou “observador”.

Em determinados contextos virtuais, usa-se outro termo para definir essa identidade virtual, a partir da qual os usuários interagem no espaço virtual, esse termo é avatar, que permite uma tradução directa para português. Já usámos o termo anteriormente neste texto, mas ainda não tivemos oportunidade de reflectir sobre o seu significado. Diz-nos o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea que a palavra significa a encarnação de um deus hindu ou uma transformação que se opera, próximo do sentido que metamorfose possui. A palavra avatar tem, por isso, uma capacidade expressiva para o que acontece no espaço virtual bastante poderosa: as pessoas transformam-se em identidade virtuais, mais ou menos elaboradas, conforme o investimento individual que é realizado.

Em locais como o Second Life, a fantasia pretende a replicação de um espaço físico com personagens, vestuários e aparências escolhidas. Nos chats que frequentámos os nicks resumem-se nuclearmente à escolha de um nome e, em certos casos, à personalização de um cartão de visita.

Depois de passarmos algum tempo em determinada sala, um dos contactos perguntou-nos por que ainda não tínhamos registado o nick. Informámo-nos imediatamente sobre o que se passava: em vários chats existe a possibilidade de registar a identidade e escolher uma password, assim, as pessoas da sala “teriam a certeza que era

*mesmo eu*”. A questão dos nomes possibilita a emergência de uma certa identidade e estabilidade nas comunicações. A frase é bastante ilustrativa no sentido de, apesar de não se conhecer a identidade material, existir uma identidade virtual que vale por si.

Por outro lado, um nick registado adquire prerrogativas: pode expulsar pessoas da sala; tem, nas conversas, o seu nome sublinhado e ao longo do tempo (pelo menos em certos chats) adquire estrelas, sinal de tempo passado em sala e, por isso, algum status. Finalmente, um nick registado pode organizar um cartão de identidade próprio, onde poderá escolher uma imagem, fazer um pequeno texto sobre si, dizer a sua idade, o local de onde tecla, o seu sexo, entre outras possibilidades. É, da mesma forma, de realçar que apenas os nicks registados podem consultar os cartões de visita de outros avatares registados (pelo menos nas salas que mais frequentámos).

Pode dar-se o caso das pessoas entrarem na sala com nicks não registados que pertencem a outrem. Vejamos uma explicação sobre o facto e com a grafia exactamente igual à que surgiu no rolamento dialógico que uma das nossas conhecidas nos forneceu:

... para **bonanza**: *sim brincos..os n°s que vês pendurados em nick's que não estão sublinhados querem dizer que esse nick já está registado*

...  
*os nick's que não são registados e teem n°os «pendurados» quer dizer que já s~~ao registados, mas não por aquela pessoa que os está a usar...*

Para que não fiquem dúvidas, façamos uma exemplificação com o nosso nick bonanza: se entrar na sala registado aparece bonanza (e as estrelas a que tivermos direito); se alguém entrar com esse nome, sem introduzir a password, surge bonanza\_2, os tais brincos a que a nossa conhecida se referia. Se o nome nunca tivesse sido registado, aparecia simplesmente bonanza.

Uma outra das pessoas que “conhecemos” brincava com a ideia de identidade virtual, tendo vários nicks e, no meio de conversas connosco, saía da sala e voltava a entrar dizendo que ia mudar de

vestido. O uso de diversas identidades é um facto comum e pode explicar-se atendendo a uma variada série de razões: má experiência com um nome antigo que originou conversas desagradáveis ou, simplesmente, uma opção voluntária em manter várias identidades. A este respeito, dizia-nos uma chatadora: “*entro com o nick que tem mais que ver com o meu estado de humor na altura*”. Também se pode dar o caso de pessoas com um e vários nicks optarem por entrar como visitantes, adoptando uma postura de observação ou revelando-se subtilmente ao nick conhecido com quem, naquele momento, lhes apetece falar. No entanto, já detectámos, no rolamento dialógico, várias identidades a defender a postura de não diálogo com visitantes, no sentido das suas identidades no chat ainda não estarem claramente definidas.

À medida que se passa tempo no chat, e se tem conversas de algum modo significativas, começa-se a conhecer esses nicks, essas várias identidades que escondem a mesma pessoa. Podemos referir-nos também a um certo gosto em revelar a um nick que se gosta, que esta identidade é a mesma que outra identidade, por outras palavras: que o nick x e o nick y são do mesmo teclador. Ao longo do tempo, começa-se a aperceber a trama de nicks repetidos e os vários nicks que escondem várias “*mesmas pessoas*”. Aconteceu-nos ainda perceber que um determinado avatar estava registado simultaneamente na sala com vários nicks e interagia com tecladores conhecidos para lhes fazer perceber isso e rirem-se do facto.

Os momentos de revelação podem também tornar evidentes certas regras, por exemplo um nick deu-nos a entender que tinha conversado sob outra identidade, mas quando o descobrimos e lhe dissemos, percebemos que tínhamos infringido uma regra. De facto, apenas nós estávamos autorizados a saber que aquelas duas identidades pertenciam à mesma pessoa. É esperado que se guarde sigilo e que o segredo só possa ser revelado a quem o interessado quiser. Neste sentido, ao chegar-se a este ponto de intimidade, existe uma confiança virtual mútua.

Dizemos confiança mútua virtual referindo-nos ao facto da intimidade, guardada perante terceiros se limitar, por ora, a conteúdos

do chat. Por outras palavras: sabemos que a “felisberta” e a “rosaperdida” são o mesmo nick, mas salvaguardamos esse dado de terceiros. Assim se alimenta uma cumplicidade que ainda não compromete dados pessoais propriamente ditos, pois as pessoas continuam a poder salvaguardar as suas identidades reais. É claro que as relações virtuais podem evoluir para outros patamares nas conversas privadas, a dois ou mais, eventualmente com o uso de webcam ou mesmo com telemóveis.

Os nicks traduzem uma certa pragmática na identificação. Lembremos: muitas pessoas escolhem relevar alguns identificadores básicos na sua identidade, por exemplo “29ela” ou “Mr.Lx” (mister de Lisboa). Uma colaboradora dizia-nos ter escolhido um nick deste tipo para evitar os interrogatórios, mas que depois começou a ser “muito visto” e decidiu passar a usar outro.

O ser muito visto põe outra questão curiosa: é engraçado mudar de identidade, dar-nos a conhecer os nicks que já usámos mas, se eles também mudam, o mútuo reconhecimento torna-se impossível. À medida que nos tornamos habitués de uma sala, as identidades tendem a estabilizar em torno de meia dúzia de nicks reconhecidos pelos pares frequentadores dos mesmos espaços. Paradoxalmente, os nicks muito vistos podem tornar-nos vulneráveis a brincadeiras de terceiros, às vezes não tão inofensivas quanto isso. Há assim um equilíbrio entre a estabilidade dos nicks, que permite o reconhecimento por parte dos pares, a necessidade de resguardo contra conversas desagradáveis e a abertura para a novidade.

Por muito que as coisas comecem a azedar, existe sempre a possibilidade de mudar completamente de identidade ou mesmo de sala. As desvantagens mais evidentes passam, sobretudo, pela perda de cumplicidades e sinergias que determinada identidade acaba por congregar.

Alguns nicks escolhem uma profissão como identidade. Testemunhámos alguns testes à veracidade de determinado métier. O nick em questão não conseguiu satisfazer convenientemente as in-

terrogações – era uma mistificação. Presenciámos ocorrência oposta: um nick que revelou conhecimentos sólidos compatíveis com a profissão a que se arrogava. Assim, passam pelas salas advogados (as); médicos (as); psicólogos (as), entre outros. Por vezes, a estratégia passa pela replicação de algum estatuto no meio das conversas do chat, bem visível numa situação em que um pretendo juiz começou a dissertar sobre assuntos jurídicos.

Retomamos aqui a tentativa, anteriormente notada, de construção da realidade material fictícia na sala. O uso de papéis sociais replica essa tentativa que é, aliás, bastante ambígua, uma vez que se trata de máscaras e que as verdadeiras identidades estão sempre ocultas. Temos a impressão, nas salas que frequentámos, que este tipo de máscaras normalmente não está registado e que se interessa por um envolvimento de outro género, no sentido de estar mais interessado em inquéritos e em conhecer realmente (isto é, no mundo real) as pessoas com quem interage.

Muitos outros nicks escolhem as suas identidades segundo uma outra linha de coerência. A ideia passa então por usar um certo humor que seja agradável e chame a atenção quando se está a percorrer a lista de pessoas que estão na sala. Damos alguns exemplos como: “feiosa”; “desdentada”; “apausadotrabalho”; “velhagaiteira”. A intenção evidencia-se por si mesma, em relação à “apausadotrabalho”, por isso sublinhamos um outro aspecto: durante os dias úteis acabamos por perceber que muitas pessoas da sala estão no seu local de trabalho a tecar. Em muitos destes casos, o próprio nick possibilita aproximações, motivos para inícios de conversa, a partir de um certo humor com o facto de estar a fazer gazeta.

Vários nicks, fazendo uso da economia das aproximações, já referida um pouco ao longo deste texto, sublinham intenções, bastante claras algumas vezes, como por exemplo: “casadoquermulher”; ou “casadoquercasada” ou ainda “casalquercasal”. Os diálogos que possam vir a ser encetados com estes nicks pressupõem já uma anuência qualquer no que diz respeito a temas e aproximações – se bem que a desconversa e o gozo sejam sempre alternativas viáveis.

Outros exemplos passam por “kerotetanto”; “soutodoteu” em que a intenção sexual está mais ou menos patente. O “bomgosto”; “selectivo” ou ainda “rainhadeontem” constituem outras ilustrações, os dois primeiros tentando passar uma certa imagem positiva no chat e o último referindo, de forma elegante, a sua idade mais avançada.

O desejo de passagem a outros meios de comunicação virtual pode também estar visível no nick “surfista\_webcam”, ou seja este nick quer interagir através de outros meios e, neste caso, a sala de chat é apenas um local de passagem, constituindo o contacto visual, a forma preferencial de comunicação.

Deparámo-nos também com casos em que o nick assume ser mais do que uma pessoa, do género “tomigueljoao” ou o já visto “kassalqermulher”. Os exemplos podem passar por outra tonalidade como “duasprimas” ou “doisamigos”. Em todo o caso, sempre que se interagir com estes nicks, sabe-se de antemão que estão duas pessoas no outro computador, pelo que os diálogos se tornam ainda mais atribulados do que o usual.

Finalmente, e como já afirmámos, existe sempre a possibilidade de entrar na sala sem registo (mas isto depende muito da política do chat). Assume-se então o nome de visitante 2, 4 ou 5 em função do número de visitantes desse dia. Nestes casos, questões tão básicas como o sexo da pessoa com quem se está a falar não está imediatamente identificado, porque bem vistas as coisas, e sendo verdade ou não, na esmagadora maioria dos casos o género sexual encontra-se expresso.

#### SOBRE OS CARTÕES DE VISITA

Os nicks registados têm a possibilidade de personalizar um cartão de visita como já anteriormente referimos. O cartão é sobretudo um meio de fornecer mais dados, sejam eles reais ou virtuais, sobre a nossa identidade (nem que seja, apenas, a identidade imaginária). Em princípio, todos os nicks registados o podem consultar, estando por isso excluídos os não registados e os simples visitantes.

No cartão existe campo para identificação do nick; o sexo; a idade e o local de onde se tecla (“ddtc”). O sistema de estrelas está também patente no cartão (recordamos que quanto maior for o número de estrelas, maior é o tempo de frequência daquele nick no chat). Há também um espaço onde se pode afixar um pequeno texto sobre a identidade virtual. Muitos nicks optam por não escrever nada no cartão de visita ou dizer quase nada. Outros optam por afixar pequenos textos sobre o valor da amizade ou qualquer outra máxima sobre a existência. Em seguida, apresentamos alguns textos, a título ilustrativo:

*“você nasce sem pedir e morre sem querer! Aproveite o intervalo....”*

*“entre estar aqui e ali prefiro os dois lugares ...”*

*“Mulher... que sonha... que fantasia... no mundo da magia!”*

*“um sorriso não custa nada e cria muito... Dura um só Momento, mas a sua lembrança, perdura por toda uma Vida :-))))))”*

*“identifico me com o mar...sereno.. e revoltado em dias de tempestade”*

Parece-nos que, nestes casos, os nicks pretendem exprimir um gosto que revele alguma coisa da pessoa que o escreveu sem, todavia, permitir passagem de informação sobre o mundo real. E mesmo no que diz respeito à pretensa realidade, muitos nicks optam por revelar a idade; o sexo e mesmo a zona de onde teclam... como nos restantes casos, tudo depende das intenções (teclar com alguém próximo da minha casa, para eventualmente conhecê-la; ou permitir uma comunicação mais desinteressada sem, apesar de tudo, excluir a possibilidade desses desenvolvimentos).

A partir de um dado momento, na sala que mais frequentámos, sem percebermos exactamente o porquê, muitos dos nicks mais experientes retiraram do seu cartão de visitas alguns dados sócio-demográficos sobre si, como a idade e mesmo o sexo. Surpreendemos no rolamento dialogal um nick nosso conhecido a dizer:

*“ok, percebi, vou tirar o sexo”*

Tentámos interagir com ela: “*como é que fazes isso de tirar o sexo?*”; e ela respondeu qualquer coisa como “*se não se usa, o melhor é tirar mesmo*” e não nos explicou o motivo da atitude. O facto de vários nicks, durante os dias seguintes terem feito a mesma opção, fez-nos crer que haveria algum motivo oculto a que não conseguimos aceder. Talvez possa ser um modo de defesa contra diálogos que se pretendem mistificadores logo à partida... quem sabe!

Há ainda a possibilidade de exibir no cartão uma pequena fotografia sobre o nick. As imagens são muito variadas e passam desde mensagens mais neutras, a outras de cariz abertamente erótico (truncos nus, certas curvas femininas, entre outros exemplos). Vários nicks femininos optam por um certo mistério: vultos de freiras; um pé sensual; uma bruxa patusca... Noutros casos, escolhe-se somente uma imagem de que se goste, uma paisagem, o mar, etc.

Também no que concerne às imagens, se observa a ambígua relação com o real. Assim, vários nicks disponibilizam fotografias, supostamente da própria pessoa, mas de alguma forma mutiladas: a contraluz, desfocadas ou em negativo. Notamos, então, uma vontade simultânea de representação de si e da preservação do anonimato, com uma vertente lúdica bastante acentuada.

Numa das nossas conversas, um dos nicks espantou-se por termos escolhido uma imagem feminina para o cartão de visitas. Trabalhava-se de “*Nu Azul*” de Matisse. Segundo a opinião da nossa interlocutora, era muito raro os nicks masculinos escolherem imagens do sexo oposto sem que elas se situassem aberta ou facilmente no erótico. Depois de uma pesquisa mais atenta por cartões de visita de nicks registados como masculinos, notámos realmente essa tendência que coexistia, contudo, com outras variantes, já referidas, mas também outras claramente humorísticas, como por exemplo uma imagem de estendal de roupa com montes de meias a secar.

## A IDENTIDADE VIRTUAL

Os nicks constituem um interessante nível de análise. Apesar de nos movermos num mundo virtual e de o anonimato imperar mais do que em muitas outras esferas da vida quotidiana, emerge, nalguns meios e avatares, uma necessidade de estabilidade e de alguma forma de interconhecimento que permitam a constituição de laços e cumplicidades estáveis no tempo. Essa necessidade não se aplica aos que usam a sala como forma de contactar pessoas que depois se conhecem através de outros meios, aplica-se sobretudo àqueles nicks que são habitués na sala; aos que acabam por conversar com muitas outras identidades na zona azulada, mantendo conversas em que três e mais identidades acabam por participar. É também necessário distinguir entre essa necessidade de inter-reconhecimento no chat e os dados reais: apesar dos nicks se reconhecerem na sala, continua a persistir um interdito sobre a esfera real de cada um: constrói-se, assim, uma cumplicidade que é somente virtual.

A ideia de registar o nick assume-se como um acto importante no sentido de assegurar uma identidade virtual estável e reconhecida pelos pares como tal. Assim, os nicks mais batidos observam regras de conduta e de educação, como: responder a quem lhes dirige a palavra (excepto se as conversas azedarem); cumprimentar os nicks conhecidos que entram ou vão sair; ou ter uma certa contenção verbal. Retomaremos estes assuntos um pouco mais à frente, a propósito das conversas e das comunidades virtuais, mas não esqueceremos que a escolha de nicks e a aposta no desenvolvimento de uma personalidade virtual fazem também parte desse todo.

Os nomes que se escolhem para entrar no chat possibilitam ainda uma directividade nos contactos e nos diálogos. A este respeito, tentámos ilustrar o modo como a escolha da identidade acaba por dirigir, desde logo, as aproximações: “*kasadokerkasada*”. Aqui, e apesar das inúmeras troças e mal-entendidos, a persistência do nick poderá acabar por sortir algum efeito.

Em suma: os nicks definem possibilidades, traçam potencialidades e sinalizam, por vezes, um perfil mínimo dos utilizadores (sexo, idade, proveniência, recordemos: “H27Lx”). Permitem, a aposta numa identidade virtual continuada no tempo e facilmente reconhecida por outros frequentadores assíduos da sala ou, pelo contrário, catalizam a hipótese de encontros ou de actividades eróticas (como, por exemplo, o sexo virtual). Sinalizam, por pequenos indícios, formas de estar e pequenos gostos (“*averalua*”; “*luadecanela*”) que podem catalizar entendimentos virtuais.

### 1. AS INTERACÇÕES

Balizámos já algumas das mais importantes questões relacionadas com a conversação em chat aquando da descrição dos ambientes, da linguagem e até do papel dos nicks. Cumpre-nos agora, e apesar de tudo, a descrição mais detalhada de algumas dinâmicas observadas.

Nas salas que mais frequentámos, pode-se falar para todo o chat que o que escrevemos entra no rolamento dialogal em azul (mas existem outras hipóteses, observadas noutros chats: “*bonanza para todos: .....*”). Assim, acaba por emergir, no meio de todas as outras conversas, uma conversa mais abrangente. Nesta margem, há possibilidade de fazer comentários a propósito de todos os assuntos e mais algum e até comentários genéricos ao que está a acontecer na sala. As bocas humorísticas e as observações recíprocas, para quem está na zona azul, podem constituir o ponto de partida para outras formas de interrelacionamento.

Chamámos eterno esvoaçar a essas conversas para todos, mas que acabam por ser dirigidas a um nick. Há uma margem de ambiguidade muito grande, pois, tendo iniciado uma conversa, podemos falar para todos dirigindo-nos apenas a uma pessoa. Eis as subtilidades dos sentidos. Claro está que nem tudo corre de forma asséptica, e outros nicks interferem ou respondem a bocas, fazendo aumentar ainda mais o ruído comunicacional: mas esse ruído pode, ele próprio, constituir motivo de riso e de interacção:

“*pronto, já me perdi outra vez, estou toda azulada*”

(perder no sentido de não se saber sobre o que é que se está a falar, ou quem responde a quê, no auge das conversas cruzadas).

O falar para todos, ou mais propriamente o falar para alguém, quando se fala com todos, pode desembocar nas já referidas “*conversas cruzadas*”. Apesar de tudo, se a conversa está a correr bem e se apetece mais proximidade, por que não seleccionar o nick e passar a conversar a dois em ambiente público? Reparámos que, noutros chats, existe a possibilidade de várias tonalidades no falar: falar abertamente; reservadamente; entre outros.

Parece-nos uma atitude cool, nos nicks mais batidos, manter conversas azuladas, não se dignando a dirigir a palavra directamente a outro, reservando esse acto apenas a “conhecidos” mais chegados. Ou, inopinadamente, se as conversas cruzadas estiverem realmente a prejudicar uma conversa interessante, pode evoluir-se para as tais conversas dirigidas em ambiente público de sala.

Assim, existe uma oscilação entre estas duas opções, que um nick hábil consegue manejar facilmente, podendo manter-se em interacção com várias personagens durante um período indefinido de tempo, isto em contraste com identidades ou avatares inexperientes que fazem apelos mais ou menos patéticos ao rolamento dialogal:

“*ninguém fala comigo*”

“*alguma dama para tcl?*”

Estes apelos normalmente não colhem entre os nicks experientes das salas que frequentámos. Um avatar com prática manda bocas sobre o que acontece no azul, faz comentários para todos e a partir daí é que os diálogos individuais acabam por acontecer. Os apelos generalistas, a maior parte das vezes evoluem para conversas sócio-demográficas: de onde “*tcl?*”; “*estado civil?*”; “*idd?*”. Este tipo de pergunta provoca repúdio e silêncio nos nicks mais batidos: os inquiridos não caem bem em muitos dos frequentadores das salas.

No meio dessas conversas azuladas e de nicks em conversa in-

querito, surge por vezes a oportunidade de entrar em conversa mais íntima, ainda que se mantenha o registo da sala pública. De facto, entre nicks experientes, não se faz o convite de privar sem mais nem menos. Apenas após um período de conversa é que faz sentido uma evolução de tal calibre. Aliás, mesmo entre pessoas que se conhecem, é frequente o saltar de interlocutor em interlocutor e aconteceu-nos, diversas vezes, estar a falar com pessoas que a passo e passo se tornavam cada vez mais irregulares nas conversas... até que demos conta que mantinham conversas simultâneas com outros nicks da sala: o nosso diálogo era, deste modo, interrompido para ser mais à frente reatado, se tal fizesse sentido (em todo caso estava completamente fora de hipótese uma zanga). Lembramo-nos concretamente de uma conversa com uma das nossas informantes que até estava a correr bem, quando o nosso computador encravou e tivemos de sair da sala (na gíria, “*cai*”; queda que pode ser individual ou geral, caso o problema tenha origem no próprio servidor). Quando regressámos, a nossa interlocutora estava já embrenhada noutra conversa e sem muito tempo para disponibilizar...

Não se pense, contudo, que as coisas são sempre pacíficas: existem discussões, identidades que são desagradáveis para outras e que não compreendem determinados afastamentos quer em nome de princípios, quer através da frustração proveniente da fantasia de uma determinada conquista que afinal não logrou resultado. Nós próprios, a meio de uma conversa com uma nick nossa conhecida, fomos importunados por avatares inconvenientes que acabaram inclusive por tentar insultar. A sensação é desagradável, uma vez que pretendíamos continuar o nosso diálogo, ao mesmo tempo que estávamos a ser maltratados.

Genericamente, poder-se-á dizer que estamos perante um espaço de liberdade onde as pessoas se podem afirmar nas suas mais variadas vontades que, em princípio, não são incomodadas. Daí a diversidade de nicks que torna patente, desde início, certos desejos normalmente inconfessáveis na realidade material; daí também a espontaneidade das conversas e o evitamento de discussões que muitos nicks experientes confessam fazer quando em chat.

E se o que vimos a dizer é verdade, mais verdade é para a erosão do socialmente correcto ou outros pormenores do género. Detectámos certas conversas de índole racista e terrorista que só em contextos muito particulares se poderiam manter na vida real. Tudo é instantâneo e sem consequências; as coisas valem pelo momento que acaba já de desaparecer.

Em todo o caso, cumpre aqui definir alguns lugares comuns em que o humor específico destes meios emerge. O tema é recorrente na análise que fizemos da *ambiance* das salas, e dos sinais gráficos utilizados: a replicação da materialidade no chat (“*vou tomar café, alguém quer vir?*”) é ponto de partida para uma série de trocadilhos e de piadas a partir das quais se podem sedimentar solidariedades. Estamos perante um caldo de conversas iniciadas e cortadas; retomadas mais à frente ou não; dirigidas a todos ou só a um em contexto público.

As conversas paralelas (falar em público para mais do que um nick) são outro dos constituintes desse caldo, o que aumenta a confusão e os mal-entendidos (também eles hilariantes) de onde podem nascer relações virtuais mais estáveis. Outro nível de conversação, surge no contexto privado.

Estes mal-entendidos podem ser mitigados através de comentários ou reparos ao que se disse, quer através da utilização de asteriscos, quer através de falas entre parêntesis:

...

“bonanza:(não me entendam mal; a boca foi para a rosabrava)”

Mas, apesar de tudo, os subterfúgios nem sempre funcionam e, num certo sentido, até é bom que as coisas se passem assim.

Já referimos também as reticências que muitos nicks dizem ter em relação a privar: “*no privar parecem outra pessoa*”. No entanto, apanhámos diversos desses avatares mais reticentes a fazer essa movimentação. De qualquer modo, pela natureza mais recatada do diálogo, não tivemos acesso directo a esse material, exceptuando as oca-

siões em que nós próprios criámos a sala. No rolamento dialogal surgem sinais específicos que já sinalizámos, como por exemplo o —« ou apenas, após combinar o nome da sala onde se vai continuar o diálogo, um simples “fui”... para o privado, claro está. No entanto, em certas salas, os avatares registados podem fazer o convite sem que ele seja visível no rolamento dialogal, pelo que a privacidade está garantida desde logo.

Quando há mal-entendidos em relação ao que se vai fazer no privado, as coisas podem correr mal. Muitas pessoas pretendem passar rapidamente a outros suportes de comunicação, com objectivos sexuais mais ou menos declarados, como mais adiante veremos. Nestes casos, após a clarificação de expectativas irreconciliáveis, os insultos podem ser imediatos e, por vezes, prolongarem-se por vários dias. Existe também a possibilidade de ir para outros chats, através de combinação entre nicks, ou estar em determinada sala e fazer comentários noutra. Os níveis de cumplicidade virtual são, por isso, infindos.

As possibilidades de evolução para outros suportes tecnológicos são também equacionadas. Além do privar, há a hipótese do messenger em que, adicionado um determinado contacto, a comunicação faz-se em tempo real sempre que os interlocutores estejam na net. O programa faz a sinalização dos contactos que estão on-line em determinado momento, ou seja: há uma maior intimidade e aproximação. Dentro do messenger, há ainda a hipótese de continuar a teclar ou de passar para suportes sonoros e visuais (aliás, algumas salas de chat que frequentámos permitem o uso destes instrumentos no âmbito de salas privadas). No rolamento dialogal, notámos referências a estas evoluções e, inclusive, pessoas que só queriam entrar em contacto com outras a este nível — o que implica uma maior aproximação à realidade. Outras possibilidades são a troca de mails e a continuação da conversação não só no que respeita às cartas virtuais, mas também no que concerne ao envio de postais virtuais ou de mensagens cómicas que circulam, frequentemente, nestes níveis tecnológicos.

Em relação ao suporte visual e sonoro, que nunca utilizámos neste contexto, as webcam são os instrumentos indispensáveis à realização tais objectivos. Em todo o caso, é um nível de evolução na conversação ou na relação em chat que se passa em contexto privado e, por consequência, de acesso mais difícil.

Em suma, temos uma multiplicidade de falas e de temas de diálogos que se atropelam numa amálgama dificilmente classificável. Falas de um para muitos cruzam-se com falas paralelas, cruzadas e outras que tais, nos mais variados contextos: grande sala; conversa dirigida em contexto de grande sala e sala privada. Neste tipo de comunicação, condensam-se todos os elementos que até aqui descrevemos, a saber: as economias linguísticas; os nicks e as expressividades que lhes são inerentes; os sentidos de humor e os subentendidos que acabam por se desenvolver.

Algumas destas conversas lembram tertúlias, outras, apenas diálogos de circunstância para a grande sala, em que um número de avatares pretende passar algum tempo em conjunto. Soubemos, também, do modo como outros nicks pretendem nunca perder a referência do mundo real e lançam imediatamente inquéritos em que variáveis importantes da existência material são, de pronto, indagadas.

Terminamos esta etapa, com uma pequena observação cultural: uma das peculiaridades de muitos dos chats nacionais é, precisamente, a criação de um espaço público em que as várias identidades evoluem. Cada uma traça uma relação peculiar com esse colectivo, ao invés dos chats anglo-saxónicos que conhecemos onde a relação é individualizada. Estamos em crer que essas conversas individuais acabam por aumentar a probabilidade de passagem para a realidade material, neles não existe a possibilidade de aprendizagem que a gestão da conversa em grupo e a conversa dual, passe-se o pleonismo, acaba por proporcionar. Em casos de nicks mais ingénuos, essa impossibilidade de aprendizagem pode ter consequências catastróficas.

Um tópico de difícil estudo será a sexualidade virtual, passe-se a contradição dos termos. O anonimato e a facilidade de comunicação são dois factores importantes que potenciam os arranjos, sejam eles virtuais ou materiais, que acabam por se notar no rolamento dialogal. Reforçamos a ideia de dificuldade, uma vez que muitos dos contactos se desenvolvem preferencialmente em contexto privado.

No tópico dedicado aos nicks tivemos oportunidade de notar que, logo a esse nível, detectámos as intenções de muitos destes avatares. As aventuras extra-matrimoniais, a troca de casais, a homossexualidade ou ainda o sexo virtual são algumas das opções mais visíveis nalguns chats que frequentámos. Regra geral, o contacto inicial surge, como não podia deixar de ser, em contexto de grande sala e, depois de verificada uma suposta concordância de intenções, evolui para sala privada ou ainda para messenger (e não poucos avatares fornecem publicamente o seu mail para quem o quiser “adicionar”).

Normalmente, os nicks que revelam intenções sexuais mais ou menos declaradas preferem não registar as suas identidades. Tal facto revela o pouco investimento na criação de uma imagem virtual ou sequer de uma continuidade de relações. Nestes casos, interessa sobretudo o desenvolvimento do contacto, a passagem a outros suportes de comunicação e, inclusive, a troca imediata de telemóveis. Em todo caso, se as coisas correrem mal, se alguém se tornar inconveniente, é sempre possível regressar à sala a coberto de outra identidade.

Visitámos algumas salas dedicadas a temas sexuais e, na listagem de nomes, verificámos que a maior parte dos avatares não estava registado. Recordamos, no entanto, que nem todas as salas estão organizadas desse modo, obrigando apenas algumas a esse procedimento. O facto de, sendo opcional o registo, a maior parte dos frequentadores não o fazer, é revelador do tipo de investimento que estão dispostos a realizar.

Nas salas dedicadas a este género de temas, as conversas são muito dirigidas, ainda que possuam as suas formas de contenção.

Deste modo, existe uma tendência a enviar para contexto privado a evolução dos contactos e nem todos os avatares aceitam facilmente a passagem a esses contextos. De qualquer modo, notámos um pragmatismo e uma rápida evolução a outras formas de interrelacionamento.

Assim, nas salas dedicadas à sexualidade, mas não apenas nelas, existe uma descomplexada afirmação de tendências e de desejos, quer se trate de homossexualidade masculina ou feminina (sendo que é mais frequente os avatares femininos afirmarem-se como gays<sup>2</sup>); troca de casais; aventuras extra-matrimoniais (do estilo do *casadokerçada*). No caso da homossexualidade masculina lemos no rolamento dialogal que muitos homens se fazem passar por mulheres: “*deve haver muitos*”. Mas como se pode imaginar, a comprovação de tal afirmação é bastante difícil. Fiquemos então pela constatação que, ao analisarmos os nomes das pessoas que estão em cada sala, deparámo-nos com muitos mais avatares afirmando a identidade gay no feminino que no masculino.

Não se fique com a ideia que este tipo de contactos apenas acontece em chats dedicados à sexualidade ou ao sexo: um pouco pelas várias salas entram e saem nicks que sinalizam intenções nesta área e que estabelecem os seus contactos nos mais variados contextos. Por exemplo, na sala que frequentámos com mais assiduidade, numa dada semana, um avatar masculino desejava um “homem mais maduro”. As atitudes das outras identidades foram de aceitação e de indiferença: conquanto que não interajam directamente connosco, não há nenhum motivo para reagir. Mesmo que haja essa interacção,

---

<sup>2</sup> É curiosa esta impressão que agora já não se confirma: nos chats genéricos que frequentámos a homossexualidade feminina era mais visível que a masculina. Mas se formos a salas hardcore a impressão não tem qualquer sentido. Por outras palavras, e como impressão a ser estudada no futuro: a homossexualidade feminina expande-se mais para outros tipos de chats que a masculina.

muitos dos nicks dizem apenas não estarem interessados no convite e não respondem mal.

Algumas das avatares femininas, com quem nos cruzámos na conversa infinita das salas, dizem sentir-se assediadas permanentemente e que, para muitos homens, a passagem para contexto privado é quase sinónimo de sexo. Nestes casos, o avatar masculino, ao saber-se defraudado nas suas expectativas, pode tornar-se inconveniente e malcriado. Várias nicks se queixaram de este tipo de atitudes, referindo ainda notar uma completa mudança de postura, uma vez em privado, que nada tinha que ver com o tipo de conversa mantida em grande sala.

Apesar de tudo notámos, no rolamento dialogal, diversas passagens ao privado com fins mais ou menos detectáveis. Deu-se o caso de vários nicks do género *casadokermulher* conseguirem ir privar com outras identidades. Nestes casos, o objectivo da conversa era mais ou menos idêntico, desconhecendo nós, apenas, a evolução desses contactos. De qualquer modo, e apesar das reticências dos nicks femininos estáveis, notámos a existência de conversas e de engates virtuais mais ou menos declarados que não respeitam as regras que enumerámos (que se aplicam principalmente aos avatares que apostam numa identidade virtual continuada no tempo). Aliás, nada impede que pessoas com avatares estáveis regressem à sala com diferentes nomes e intuítos.

Uma outra situação que se desenvolveu neste tipo de salas foi o chamado sexo virtual. A sua frequência varia conforme o chat que se frequente, mas é mais ou menos transversal às salas que frequentámos. Vimos já que alguns nicks incorporam no seu nome a partícula webcam, o que assinala desde logo uma vontade de passar a outro meio de comunicação, e é frequente, no rolamento dialogal de certas salas, lermos a pergunta: "*alguém tem webcam?*". Mas há também a possibilidade de escolher nomes mais sugestivos: "*peito42*"; "*kerdaruma*" e outros do género. Em termos de diálogo, notámos o convite ao sexo virtual em diversíssimas ocasiões.

O sexo virtual passa pela masturbação e exibição parcial ou total do corpo. Em termos de suportes comunicativos são indispensáveis uma webcam e um suporte sonoro. As pessoas usam o mesmo dispositivo de diálogo, baseado num dado mail que trocam. Este tipo de dispositivo permite saber quando a outra pessoa está on-line e comunicar com ela em tempo real. A troca de mail faz com que surja no computador a pergunta se queremos adicionar aquele contacto à nossa lista (e daí o termo recorrente, que faz quase parte de uma certa gíria, que é o "*adiciona*" ou "*adixiona*"). Também no rolamento dialogal de certas salas notámos mails, seguidos de reptos para inclusão neste tipo de listas, mails esses que possuem nomes sugestivos e claramente dirigidos a intenções sexuais.

Esta forma de sexo através de imagens pode-se prestar a todo o tipo de variante. Em chats sado-masoquistas o escravo/a pode obedecer ao seu dono/a e satisfazer todo o tipo de fantasias...

Detectámos também no rolamento dialogal de salas hardcore, mas não só, convites a sexfone em que a excitação mútua passaria por contacto telefónico...

Uma outra realidade com que nos confrontámos, e de que desconhecemos a extensão, relaciona-se com um certo tipo de prostituição. Assim, e socorrendo-se do suporte que possibilita o sexo virtual, a troca de favores sexuais por alguma vantagem material é também possível. Notámos, no rolamento dialogal de determinada sala, o convite de um dado avatar feminino, sugerindo ou mesmo explicitando o sexo virtual em troca de carregamento de cartões de telemóvel. Uma vez mais, sublinhamos o desconhecimento do grau de frequência deste tipo de actividades ou sequer se se apresentam com outras nuances. De qualquer modo, existe aqui um campo para que a mais velha profissão do mundo adquira novos rostos.

São várias as abordagens de pessoas convidando ao sexo virtual e troca de favores. O procedimento é clássico: o avatar dirige-se à sala toda, fazendo determinados convites ao sexo virtual que acabam por desaparecer do ecrã e são repetidos, como se fossem frases tipo e

aparecessem nas conversas por mecanismos tipo copy paste. Desconhecemos as atitudes que os responsáveis das diversas salas que frequentamos têm acerca destes assuntos. Mas estamos certos que, pelo menos em determinadas salas, este tipo de comportamento será sancionado com a suspensão das comunicações (recordemos que essas penas só são conhecidas pelos outros utilizadores, dependendo da política de cada chat em concreto - o que mais frequentamos optou por tornar essas opções invisíveis).

Face ao assunto da sexualidade, milhares de desejos são expressos aos mais diversos níveis, passando pelo nome que se assume em sala, até a variados convites feitos a todos os frequentadores. Não vale a pena a pessoa incomodar-se com essas explorações: se os desejos ou interesses forem diferentes, o mais que se pode fazer é cada um ir conversar com outras pessoas. Mas se certos nicks utilizarem truques sujos, pode haver lugar a indignação.

Recordemos ainda a impressão que muitas mulheres têm de ser frequentemente assediadas. Nestes casos, o que interessa é a gestão de distâncias e um lento ganhar de confiança com certas identidades que permitam, depois, passar a outros níveis de relacionamento. Em muitas outras situações, estamos perante avatares que não investem minimamente na continuidade da sua identidade e em que a passagem ao mundo real é uma prioridade mais ou menos confessada, passagem essa que obedece aos princípios da celeridade.

O sexo virtual e muitos deste tipo de encontros estão baseados no anonimato, na troca sexual propriamente dita, ficando todas as outras questões remetidas para segundo plano. E isto é verdade, parece-nos, quer para homossexualidade quer para heterossexualidade, quer ainda e especialmente no que concerne ao sexo virtual.

Este tipo de anonimato potencia os contactos sexuais, despoja-os de afectividade ou qualquer tipo de relacionamento mais profundo. Como em tudo que envolva afectividade e até amor é necessário tempo de construção, a criação de uma teia de cumplicidades e subentendidos. Os contactos virtuais possibilitam as duas opções, pois é possível começar a construir cumplicidades num jogo peri-

goso, que é campo fértil de mentiras e de máscaras. Daí que muitos avatares prefiram manter as cumplicidades limitadas a, digamos, assuntos virtuais. A via do anonimato é a outra possibilidade que pode adquirir então feições, diríamos que brutais: sexo virtual sem contacto humano e na solidão, é apenas um outro nome para a masturbação. Permite, ainda, contactos no mundo material, com trocas sexuais, mas sem real conhecimento mútuo.

### 3. AS COMUNIDADES E OS TABUS

Quando inquirimos alguns informantes sobre a existência de regras ou acordos implícitos mais ou menos observados, a resposta foi negativa. A maior parte das pessoas negou a existência de qualquer constrangimento ou norma de conduta. A opção era divertir, conversar com as pessoas mas nunca se chatear. Sempre que existisse algum mal-entendido que não pudesse ser sanado rapidamente, a opção normal passaria pela indiferença. O curioso é a meta-reflexão que este tipo de afirmações permite: o não se querer chatear, ou o tentar resolver mal-entendidos até a um certo grau são atitudes ou regularidades de comportamento que são, por si mesmas, regras ou normas de conduta.

Cada sala acaba por ter, ao fim de algum tempo, os seus frequentadores habituais que se reconhecem e cumprimentam mesmo que não conversem depois, ou mesmo não conversem nunca: as identidades mútuas acabam por se tornar familiares. Relembramos que, certa vez, dois nossos conhecidos nos chamaram subtilmente a atenção, a propósito de uma atitude nossa que poderia ser encarada como provocatória. Daí que os nicks residentes possam formar uma comunidade aberta mais ou menos estável que possui os seus próprios mecanismos de auto-regulação. Assim, na primeira vez do dia em que se entra na sala deve-se cumprimentar os nicks conhecidos e responder a quem nos dirige a palavra, nem que seja para dizer que agora não podemos conversar.

Podemos repetir algumas das normas que são expressas em contexto de grande sala, embora frequentemente possam ser infringi-

das: o não privar, excepto com avatares com quem se tenha confiança, com tudo o de subjectivo que isso possa implicar; o não usar de prerrogativas que o estar registado fornece (neste caso, o facto de se poder expulsar nicks que estejam a ser inconvenientes é uma opção que nunca presenciámos – as expulsões são normalmente realizadas pelo gestor de sala); ou o não teclar com visitantes. Regra geral existe um subentendido em que se aceita a diferença dos outros, e as diferentes posturas, evitando-se o conflito aberto. A importância que os membros residentes dão a uma maior estabilidade da identidade virtual – com tudo o que isso acarreta, como por exemplo o reconhecimento de pares; ou a continuidade de contactos, entre outros - desempenha sem dúvida um papel proeminente. Como nos dizia um nick com quem interagimos: *“não estou aqui para me chatear”*. O que se quer é conversar, ter conversas interessantes e divertidas, pelo que não se responde a pessoas que pretendam ter atitudes mais agressivas.

Existem certas comunidades mais estáveis e abertas do que outras. Assim, no nosso próprio processo de escolha de sala, deparámo-nos com chats em que se notava perfeitamente que os avatares se conheciam uns aos outros. Na altura, suspeitámos inclusive que as pessoas se conheciam pessoalmente, impressão essa que foi partilhada com outros nicks com quem conversámos sobre o assunto. Nesse caso específico, foi-nos bastante difícil entrar nessa sala e permanecer lá, pois era bastante trabalhoso conversar com as pessoas e, não raras vezes, recebemos resposta rude.

As comunidades e as cumplicidades que acabam por surgir permitem certas brincadeiras e jogos a que já nos referimos de passagem. Assim, podemos ir a uma sala com nicks conhecidos e interagir lá com pessoas, enquanto mantemos um chat à parte em que se comenta o que está a suceder na outra conversa. Notámos visitas de nicks habitués de outras salas ao chat em que mais frequentemente teclávamos. Isto para dizer que as comunidades residentes não estão limitadas à sala que costumam frequentar: podem ir a outras, comunicar através do messenger e mesmo evoluir para outras formas

de relacionamento como o telemóvel e mesmo os encontros reais.

As conversas em azul ou diálogos para todos podem estruturar-se em termos de debate de ideias a dois, três, quatro ou mais pessoas. Presenciámos trocas de anedotas, discussão de acontecimentos ou apenas a troca de ditos jocosos em grupo. Nós próprios, no processo de construção da nossa identidade virtual, nomeadamente na personalização do nosso cartão de visita, fomos aconselhados a escolhas e a modificações por bem mais do que um avatar. Também nós aconselhámos outras pessoas e trocámos piadas sobre o nick escolhido, uma das formas mais habituais de iniciar conversa com alguém.

Apenas para reforçar a ideia de que as comunidades existem realmente: num fim-de-semana em que entrámos na sala, só lá estava um dos nicks habituais, pelo que lhe perguntámos onde estavam as pessoas conhecidas, respondeu-nos que era fim-de-semana alargado, pelo que deviam ter ido para fora.

Por vezes, as coisas não correm assim tão bem e apesar de nicks experientes fazerem uma selecção dos contactos com quem interagem, existe sempre uma margem de erro. Afloramos aqui a questão do cyberbullying. A violência entre nicks pode ser pontual (quando alguém nos apanha alguma fala e aproveita para nos insultar) pode também acontecer quando, na passagem para uma sala privada, alguém se tenta intrometer e reage mal quando se lhe pede para sair. A violência pode ainda acontecer quando, na passagem para o privado, os nicks revelam as suas intenções sexuais que, se não forem partilhadas pela outra parte, podem dar origem a conversas mais azedas. Agora imagine-se um nick maltratado nestas circunstâncias, que tem uma identidade estável na sala e é importunado vezes seguidas, como nos dizia um avatar com quem interagimos:

*“uma das vezes tive mesmo de mudar de nick, pois a pessoa vinha sempre importunar-me e insultar-me...”*

Imagine-se também este desencontro de intenções, esta violência verbal e psicológica quando os avatares já trocaram mails pessoais, ou fazem parte da lista de contactos do messenger: só trocando de identidade virtual, com as perdas que isso implica, é que

se mitigam todos estes inconvenientes. Os leitores que não estão familiarizados com os chats podem achar que estes actos não têm consequências mas, pela nossa parte, e mesmo tendo em conta que nunca tivemos realmente uma experiência continuada de maus-tratos, podemos garantir que não é uma situação agradável. Presenciámos avatares, nossos conhecidos, a sair da sala imediatamente a seguir à entrada de identidades não registadas que estavam no chat somente com o intuito de insultar, tendo um, inclusive, escolhido um nick desde logo acintoso para a pessoa que queria maltratar.

Assim, apesar dos nicks acharem que não existem regras e que, se a infringirmos, não nos acontece nada no imediato, temos a certeza que, se tivéssemos determinados comportamentos, perderíamos reputação e as pessoas com quem costumávamos conversar deixariam de nos dar atenção. A comunidade virtual serve também como um espaço de pertença a que podemos aceder qualquer seja o lugar em que nos encontremos: *“entro na net e penso: vou ao chat ver quem está”*. Detectámos pessoas que investem muito do seu tempo diário e das suas energias nos chats e que acabam por viver o mundo virtual como um vício.

Uma das nossas informantes, ao trocarmos ideias sobre os nossos gostos de leitura, dizia que agora não tinha muito tempo para ler uma vez que empregava as suas horas livres no chat. A identidade em questão conhecia um sem número de frequentadores e mantinha inúmeras conversas paralelas, por isso era frequente iniciar uma conversa com ela que se interrompia ou que estava sempre a regressar à estaca zero (*“já me perdi outra vez lol, onde é que íamos?”*).

#### 4. SOBRE OS CHATS: AS CONDICIONANTES DA COMUNICAÇÃO

Os chats possuem então três grandes especificidades que condicionam e são atractivas à comunicação: o anonimato, o facto das pessoas interagirem entre si através da palavra escrita (o reiterado teclar) e a virtualidade. Depois, no interior dessas grandes áreas, existem diversas nuances que dependem da política de cada sala em particular: se o registo de nicks é obrigatório e, por isso, uma certa

estabilidade da identidade virtual é imposta desde logo; se a sala se organiza em torno de conversas individuais ou se o espaço comum é investido; se a sala, ela própria, disponibiliza aplicações que permitam a comunicação em suporte sonoro, visual ou ambos, entre um sem número de outros factores (tema do chat; existência ou não de um operador de sala, etc...). Quanto à virtualidade, ela é o denominador comum de todas as salas de chat.

As condicionantes estruturais definem possibilidades, no sentido de permitirem estas ou aquelas alternativas de interacção. Como vimos, as variáveis culturais têm também a sua importância, e muitos dos chats anglo-saxónicos em que entrámos funcionam de modo completamente distinto dos latinos. Tivemos, da mesma forma, oportunidade de reflectir sobre o modo como se estrutura um sentido de humor peculiar em torno de trocadilhos entre o mundo real e o virtual, aproveitando o facto da palavra ser escrita (repetindo: *“gostei de teclar contigo”*).

O anonimato é outra das características centrais. Os nicks podem procurar conhecer ou interagir com novas pessoas sem que um grande envolvimento emocional tenha de ser activado. De facto, a todo o momento se pode trocar de nome, não entrar mais naquela sala ou simplesmente não responder àquele nick. É sobre esta cortina que se desenrola todo o jogo da conversação virtual: existem avatares que procuram imediatamente os dados sócio-demográficos, numa busca clara de encontros e conhecimentos reais; outros que preferem manter-se ocultos, sem que isso interfira com uma certa estabilidade no chat, trata-se de pessoas que investem na sua identidade virtual e desenvolvem um certo número de conhecidos virtuais com quem vão passando meses e anos a conversar.

No entanto, a ausência de rosto torna os relacionamentos sempre dúbios. Afinal de contas, é na ausência que se fantasia sobre o modo como o outro é. Isto não implica que não se possam reconhecer modos de teclar e interesses específicos de cada nick. Inclusive, tivemos oportunidade de desenvolver diferentes formas de conhecer os outros avatares à medida que teclávamos com eles e trocávamos experiências. Em todo o caso, interagimos com pessoas que não sur-

giram na plenitude do seu eu: não as observámos a interagir com terceiros na realidade; nem desvelámos os pequenos gestos que lhes serão certamente peculiares. Conversámos com um outro que surge parcelar, como se apenas uma parte do rosto fosse desvelada: tudo o resto pertence à imaginação.

Existe uma experiência narcísica inseparável de todo este intercâmbio: afinal podemos-nos exibir no chat e conversar com uma pessoa que não o é na plenitude dos seus movimentos quotidianos, das suas expressões. É nos interstícios, é por entre as máscaras que há lugar à fantasia do outro... mas é também nesses espaços por preencher que imaginamos alguém à nossa medida, isto é: com as características que achamos mais atraentes e correctas. Por outras palavras: há muito o risco de estarmos a teclar com identidades que são metade avatares e metade preenchida pelos nossos desejos.

Mas a vertente narcísica não cria inteligibilidade total, não basta por si própria para explicar este tipo de interacções. As máscaras dão asas a essa imaginação egocêntrica, mas permitem também outro fenómeno que denominaremos de *acelerador de relações*. De facto, estamos perante interacções que não têm consequências imediatas para os visados. A vida real permanece inalcançável para os outros chatadores e os nicks podem ser rapidamente mudados, pelo que podemos falar de nós sem que isso tenha algum género de consequências. O desabafar e as confidências em privado podem suceder-se e, desde que não sinalizemos exactamente de onde somos e onde moramos, continuamos resguardados na nossa vida real. Ou seja: é muito mais fácil trocar experiências, sentimentos e até opiniões ou factos passados comprometedores, sem que tais confissões possam ser consideradas arriscadas<sup>3</sup>.

O anonimato possui, no entanto, uma dupla faceta uma vez que, para além de permitir uma aceleração de trocas que nas amizades

---

<sup>3</sup> Estamos conscientes que pessoas mais experientes em informática ou os próprios sites podem através da ligação à internet identificar com bastante precisão o local de onde a pessoa está a teclar. O utilizador normal destes programas, no entanto, nunca terá acesso a esse tipo de informação.

do mundo real demoram anos a efectuar-se, cria um vazio e uma incerteza do outro que são de alguma forma destruidores. Falámos com alguns nicks que sentiam a desolação e a saturação do eterno rolamento dialogal, a que chamámos conversa eterna. O gracejar a propósito de tudo e de nada, o humor virtual, acabam por criar lugares comuns que são, ao fim de algum tempo, previsíveis e rotineiros. Por isso, a aceleração de relacionamentos pode ser acompanhada por um certo aborrecimento e desencanto, fruto de um género de conversa vaga e impessoal que se mantém em contexto de grande sala. Em todo o caso, a experiência adquirida permitiu-nos conhecer as opções de comunicação e, até certo ponto, saber como nos mostrar.

É muito fácil a um avatar, já com longos meses de sala, entrar numa conversação com um nick ingénuo ou recém-chegado e aproveitar-se disso para estabelecer um relacionamento privilegiado, independentemente das suas intenções reais. Outro aspecto importante prende-se com as facetas lúdicas que estar a comunicar neste contexto acarreta consigo: presenciámos situações em que a passagem do contexto público ao privado era acompanhada de mudanças de identidade, perseguições de pessoas pelas salas (com intenções lúdicas, ou nem por isso). São tudo possibilidades de comunicação a partir das quais cada avatar faz as suas escolhas, acabando por se posicionar num determinado lugar do mundo virtual.

Ao fim ao cabo, especialmente para os nicks que apostam na continuidade e no reconhecimento por um conjunto de pares, o chat acaba por se afirmar como um espaço público sem espaço real; num tempo de convívio sem tempo definido de encontro. Dizia-nos uma chatadora que a sala possibilitava a ideia de encontro e de estar com alguém, sempre disponível em qualquer momento e em qualquer lugar físico em que se encontrasse. De facto, a qualquer altura do dia ou da noite se pode ir ver quem está, cumprimentar identidades conhecidas, iniciar conversa com elas ou com alguém que não se conhece (com toda a ambiguidade que esta expressão encerra).

Gera-se assim um lugar tempo fora da materialidade, com figuras fugazes de um outro espaço, com ritmos próprios de evolu-

ção dos relacionamentos com os quais cada nick terá de se confrontar e gerir da maneira que achar mais conveniente. Tentámos, aliás, traçar os dois extremos entre os quais balançam essas tensões: o tédio e o vazio da conversa eterna e impessoal; a inebriante aceleração de relacionamentos que o anonimato estável pode proporcionar. Usámos o termo anonimato estável precisamente para traduzir essas máscaras que se mantêm pelo tempo e que permitem o desenvolvimento de cumplicidades, sem que as pessoas realmente se conheçam. Até que a imergência de afinidades possa traduzir-se em encontros e empatias no mundo real.... caso isso aconteça.

Por outras palavras, brinca-se com o espaço e o tempo que estão deformados na sala, talvez para que depois se possam reconstituir noutro contexto ou apenas, através da conversa e do humor com o que falta, se criem assuntos entre pessoas que não se conhecem e dificilmente terão algo que dizer entre si... Até que as cumplicidades se criem num lugar em que não existem rostos. De qualquer modo, existem diversos graus de estruturação e complexidade das identidades virtuais e o que se disse certamente não se aplica a todas elas, como aliás em qualquer outra generalização que se tente enunciar sobre a vida.

Tecemos até agora, e a partir de uma grelha de observação, uma sistematização sobre o mundo das salas de chat que frequentámos. Quisemos saber sobre os ambientes, sobre as linguagens, sobre as salas, sobre o tipo de actores que nelas evoluem. Com todo este esforço erigimos uma compreensão de um mundo social com características muito próprias. Terminamos este percurso para operar uma mudança de perspectiva, deixaremos de trabalhar as impressões e a confirmação dessas impressões por informantes. Deixaremos de encarar este texto como um diário de bordo em que se foram anotando as intuições e as conclusões que se iam inferindo a partir da nossa vivência de nick. Trata-se agora de conhecer uma trajectória e as escolhas que a nossa avatar quis partilhar connosco. Faremos uma história de vida virtual e, através da sua análise, teceremos um outro nível de compreensão.

#### IV ESTUDO DE CASO

No capítulo que agora iniciamos, pretendemos um olhar mais próximo dos actores que se movem neste mundo das conversas eternas. Trata-se de saber sobre os modos como uma avatar lidou com as variáveis, com as condicionantes e com as potencialidades comunicativas das salas de conversação. Preocupa-nos ainda, os momentos que se possam identificar como charneira no maior ou menor envolvimento com estas formas de interacção. Tratámos, pois de eleger uma das nossas informantes que, pela riqueza da sua história de vida virtual, nos pudesse fornecer uma imagem completa do envolvimento, estabilização e dissolução de uma identidade virtual.

De seguida, definimos os parâmetros de recolha de dados. Para isso, elaborámos um guião que nos forneceria os momentos de aproximação mais importantes com as salas de chat e os pontos charneira na evolução das relações com outros nicks. Referimo-nos a padrões de interacção entre nicks, bem como possíveis mudanças de registo, em termos de passagem a outras formas de comunicação ou mesmo o conhecimento no mundo material.

O guião serviu apenas para nos guiar nas conversas que mantivemos e não estruturou, de forma alguma, mecanismos de rígidos de interacção. Assim, mantivemos conversa sobre estes assuntos, quer nos socorrendo de trocas de e-mails, quer pela conversação via messenger, quer ainda mantendo conversas em tempo real, normalmente em contexto de sala privada. Todas as formas de comunicação têm vantagens e desvantagens: a troca de mail permite a estruturação do material e um feedback pensado sobre os dados que obtivemos. Esta via de comunicação é rica em casos de nicks que se disponham a escrever textos fruto de uma reflexão, como foi o caso da nossa voluntária. A conversa on-line (via sala privada ou ainda via messenger) permite uma maior espontaneidade na troca de ideias, mas impossibilita o surgimento de textos maiores, uma vez que as falas são por natureza e, até por imposição dos próprios programas, mais limitadas.

Vamos, assim, apresentar os principais momentos de análise do guião. Interessa-nos tornar explícitas as direcções a que o nosso olhar apontou. De seguida, e na sequência do desenvolvimento das etapas que o próprio guião seguiu, teremos oportunidade de apresentar alguns excertos de conversas que mantivemos com a Enya e quais as escolhas que ela teve ao longo do seu percurso virtual. Optaremos, então, pela reconstituição de uma história de vida de caso único, atida às suas delimitações virtuais.

## 1. A HISTÓRIA DE VIDA VIRTUAL: UM GUIÃO

É chegada a vez dos actores: substituiremos, ao longo deste capítulo, um olhar mais impessoal e genérico, mas atento às idiossincrasias, pelo percurso individual. Para isso, trataremos de definir uma série de linhas de força que exploraremos com a nossa nick. Não queremos com isto perder a espontaneidade. Um dos factores mais importantes, quando se tenta estudar a subjectividade das outras pessoas, é não a negarmos em nós mesmos e fazermos dela um uso criativo.

As conversas passaram-se normalmente em suporte virtual quer em contexto de sala privada, de troca de mails ou em grande sala (aqui menos, por uma questão de preservação da privacidade). De qualquer modo, uma conversa impossibilita o uso de inquéritos, imediatamente conotados negativamente, como já tivemos oportunidade de fazer referência. Não queremos dizer que será impossível o uso de questionários em absoluto, mas que com eles se perde o espaço do imprevisível onde se descobrem novos factos.

Assim, apresentaremos como linhas de força, tendo em conta a presença de quatro grandes grupos temáticos que denominámos: as aproximações; a vida de nick; de regresso à realidade; as percepções dos outros. Os três primeiros organizam-se numa sequência temporal, isto é: tentamos reconstituir os caminhos que levaram a nick a aproximar-se do chat, para de seguida nos interessarmos pelo modo como se estabilizou numa identidade virtual e saber os modos que foram tomados no percurso de afastamento das salas. Finalmente, na última área temática aqui listada, tentaremos indagar sobre as per-

cepções, opiniões e crenças que a entrevistada formou a respeito dos indivíduos com quem contactou ao longo do seu percurso virtual.

## APROXIMAÇÕES

Neste ponto, interessa-nos conhecer os vários aspectos relacionados com o início da frequência de chats, ou seja como é que se soube da sua existência; como foi o processo que a levou a experimentar as salas e a envolver-se neste meio. Indagaremos sobre o modo como encarava o mundo virtual: se desde sempre se interessou pelas identidades virtuais ou se, pelo contrário, no início sentia repulsa e depois esse afastamento inicial acabou por se transformar noutra coisa.

Nas Aproximações, queremos ainda conhecer as primeiras formas de estar no chat, o processo de escolha da sala preferida. O modo como se veio a desenvolver um certo estar no chat e quais as decisões iniciais envolvidas nesse processo.

Como em todos os agrupamentos temáticos, que listaremos, estaremos abertos, ao longo da conversação, a novidades e factos que mereçam explorações mais detalhadas. Trata-se, no fundo, de tentar aprender com a entrevistada em vez de escolher uma atitude professoral e, por isso, mais distante da realidade que pretendemos aqui conhecer.

## A VIDA DE NICK

Neste ponto, abordaremos o modo como a nossa avatar estabilizou a sua identidade virtual e fez a gestão do seu nick. Interessa-nos, saber as formas de continuidade no tempo dessas identidades e que cuidados tem, evitando determinados comportamentos, atitudes ou ditos. Este aspecto estabelece uma relação com o modo como cada identidade estrutura percepções sobre os outros actores e sobre os chats em geral. Um outro tema interessante a aqui ter em conta passa precisamente por conhecer o tipo de relação que se estabelece com as salas de conversação, no sentido em que participar na conversa eterna se pode estruturar numa espécie de vício mais ou menos insidioso.

Queremos também conhecer os diversos níveis de envolvimento com o chat, nomeadamente o que diz respeito às formas de contacto com outros nicks e o modo como se gerem diferentes níveis de intimidade. A questão do ir privar é central, no que a este assunto diz respeito, uma vez que se expressa uma percepção sobre com quem vale a pena e quem não vale a pena conversar em contexto individual. É claro que estas escolhas dependem muito das motivações de cada avatar, e em casos em que a sexualidade e o encontro “material” se encontra na ordem do dia, estas barreiras ultrapassam-se de modo mais automático. Nos casos de nicks que passam muito tempo nas salas, como uma forma de estar, e que possuem várias identidades, a gestão é mais cuidadosa e acima de tudo mais lenta. Em todo o caso, focaremos as decisões e a gestão destas questões realizadas pela nossa biografada.

Outro assunto relevante, e que já detectámos na fase da exploração de aspectos gerais do chat, tem a ver com o cyberbullying ou seja, formas de violência mais ou menos continuada nestes meios virtuais. Assim, interessa-nos conhecer as más experiências que tenham acontecido, a sua continuidade em termos de tempo e, principalmente, as estratégias usadas no que respeita à gestão de tensões e opções tomadas.

As regras de comportamento, adoptadas por cada nick, são outro dos assuntos que nos interessam, especialmente o modo como esse comportamento é percebido e organizado pela nossa nick. Tivemos, na fase anterior do nosso estudo, contacto com alguns nicks, que referem, a questão da violência virtual que forçou, inclusivamente, a questão da mudança de identidade.

Finalmente, interessa-nos conhecer a atitude e as opções tomadas no que concerne à conversa de inquérito, as opiniões desenvolvidas face aos nicks que adoptam esta postura. Na vida de nick, pretendemos conhecer o maior número de aspectos relacionados com a gestão da identidade virtual e a vida em chat, findo que foi o período inicial de adaptação.

#### DE REGRESSO À REALIDADE

Neste ponto, tentaremos saber o modo como a nossa entrevistada se posiciona face ao real. Queremos saber se, na vida real, conheceu nicks, quais os motivos das escolhas realizadas. Desejamos também saber os cuidados que teve em termos operacionais, ou seja: locais dos encontros, precauções tomadas, entre outros.

Desejamos conhecer as emoções e sensações despoletadas por todos esses encontros. Foi a meio deste processo que descobrimos que Enya se envolveu afectivamente com alguém e se começava a afastar destes meios. Incorporámos essa novidade no guião e acompanhámos a nossa amiga no seu percurso de afastamento e de re-materialização.

#### PERCEPÇÕES DOS OUTROS

Este agrupamento temático escapa à estruturação biográfica que os pontos anteriores, ainda que de um modo bastante esquemático, fizeram questão de apresentar. Trata-se agora de estruturar a forma como se organiza uma percepção do mundo virtual, com os seus actores, as suas motivações, os seus encontros e desencontros. Paralelamente a este interesse, agruparemos aqui o resultado das nossas indagações sobre o mundo real. Pretendemo-nos referir às relações que os avatares estabelecem com a materialidade.

No fundo, trata-se de tentar conhecer o modo de perceber os diversos nicks, os ambientes das salas mas também as condicionantes da comunicação, como por exemplo as motivações acreditadas nos outros; a questão da verdade do que se vai dizendo; as relações que se vão estabelecendo com a realidade; a questão do privar nos vários chatadores (facto tantas vezes repudiado como contra-producente, mas afinal praticado com alguma/bastante frequência).

Entrará aqui todo o material que não possa entrar na lógica biográfica, atrás reclamada. Qualquer apreciação sobre os actores, sobre os ambientes será incluída neste momento. Temos assim estruturada uma breve linha de recolha de informação que nos ajudará nos contactos virtuais que iremos desenvolver com a nossa nick.

## 2. DISCURSO DIRECTO

Vamos, a partir de agora, dar voz à nossa nick. Trata-se de, tendo em conta os agrupamentos temáticos anteriormente referidos, apresentar uma história de vida virtual que, dada a sua variedade de experiências, a sua facilidade e disponibilidade em falar delas, se torna de alguma forma paradigmática de um certo modo de vivenciar determinados chats. A opção por um caso único é sempre problemática, no sentido de poder não ser representativa da área que pretendemos estudar. Estes inconvenientes são mitigados por vários factores: a sua riqueza de expressão; a facilidade com que reflecte e partilha experiências; e o seu grande investimento no mundo virtual.

Mas realizaremos primeiro que tudo uma breve apresentação da nossa avatar

### A NOSSA AUTOBIOGRAFADA

Antes de tudo, cumpre realizar um pequeno esclarecimento sobre o termo de autobiografada. À primeira vista, trata-se de um neologismo sem sentido, mas a tradição das investigações de histórias de vida usam o termo, ou termos correlatos, com uma significação bem precisa. Trata-se de tentar traduzir, numa nova palavra, o facto de se estar a estimular alguém a produzir a sua autobiografia. É por isso que não poucos autores das histórias de vida optam pelo termo, talvez por provocar alguma dissonância. Nesta situação, a própria autoria do documento se torna dúbia: o investigador faz uma autobiografia de outrem? Também aqui temos exemplos de investigadores que acabam por fazer uma dupla atribuição da autoria das obras que publicam.

Mas avancemos um pouco mais para a caracterização da nossa biografada... Como se depreenderá dos textos que em seguida disponibilizaremos, a nick anda na casa dos trinta e tem duas filhas. Esteve um período da sua vida desocupada, altura em que começou a frequentar diversos tipos de chats. Mais se adianta que passava por um processo de divórcio. E fiquemo-nos por aqui quanto a dados

explícitos do mundo, ou na gíria do chats, os produtos dos inquiridos e dos ddtcl.

Conhecemo-nos na conversa “azul” de uma determinada sala, o sentido de humor constituiu-se como o principal caminho de aproximação entre nós. Aliás, foi numa conversa com a Enya, sobre ambientes de salas, que consolidámos a nossa ideia de construir um olhar científico sobre os chat. Fomos imediatamente encorajados a desenvolver a ideia, trocámos de mail numa sala privada e, nos três meses seguintes, construímos um diálogo virtual do qual facultaremos algumas das opiniões e vivências mais relevantes.

Trata-se de um nick que investiu bastante na exploração de diversas salas e que conhecia quase todos os habitués do chat em que entrámos em contacto. Falava com todas as pessoas que lhe dirigiam a palavra o que, por vezes, dificultava o diálogo, uma vez que ela mantinha inúmeras “conversas paralelas” em que se perdia frequentemente ou se interessava por outra discussão, deixando-nos a teclar sozinhos. Apesar de tudo, depois de evidenciada a nossa tolerância relativamente ao que poderia ser entendido como uma eventual falta de respeito, acabou por se construir um clima de confiança mútua, de troca de experiências de vida e de confidências que foi enriquecedor para ambos.

É evidente que apenas um nick registado, e com uma certa estabilidade em termos de permanência numa determinada sala se poderia contactar para estes fins. Neste sentido, o testemunho que vamos acompanhar já de seguida, exclui à partida outro tipo de trajectórias de avatares não registados e que utilizam as salas de conversação de outros modos, alguns deles já entrevistados no capítulo anterior, declaradamente fragmentários e instrumentais.

### APROXIMAÇÕES

Consideremos a trajectória de aproximação aos chats, o modo como se escolhe uma sala específica e se tece uma rede de conhecidos e de interesses. Nesta fase, não se observa ainda grande mestria nos movimentos e nas escolhas que se fazem. Tudo se passa como se se tratasse de uma fase exploratória: os avatares não estão estabi-

lizados; ainda não encontraram a sua forma de estar no chat.

É importante conhecer as evoluções iniciais e o modo como se passa desta fase experimental para outras, em que as escolhas são já claras e mais estáveis no tempo. No fundo, trata-se de perceber as actividades de experimentação e como elas contribuem para a formação de uma identidade virtual.

Começamos então por um excerto, referente ao modo como a Enya ouviu falar dos chats e como se aproximou desta actividade até, finalmente, se decidir a experimentar:

*quanto a ter ouvido falar nos chat's...vais-te rir... quem me «meteu» no chat foi a minha filha que tem 14 anos, o meu primeiro nick foi precisamente a «Enya» depois deixei de o usar porque começaram a conhecer-me pelo nick e eu sentia-me muito insegura por isso (rsrsrs.. palermice de principiante), julgava que de alguma forma me podiam vir a descobrir...rsrsrsrsr...no início achava que todos quantos falavam comigo eram depravados, tarados sexuais... rsrsrsr... ficava pasma com as tretas que me diziam (frequentava a sala dos 30..não gostei...já te tinha dito), depois resolvi entrar na brincadeira e «criei» o nick Divorciada\_lx..era um pagode, partia-me de riso, criei uma identidade diferente, fictícia, levava horas só na treta (estava desempregada, como sabes) isto em Fevereiro que foi quando comecei a frequentar o chat. No início, levava isto mesmo na brincadeira não deixava que me «tocassem», até que comecei a ficar viciada nisto (coisa que gosto e ao mesmo tempo detesto)...*

7 de Novembro de 2006

A Enya reproduz aqui a ambivalência e o medo que são comuns em todos nós quando nos aproximamos de uma actividade que desconhecemos e sobre a qual temos uma certo número de ideias preconcebidas. Realçamos o facto da nossa avatar pensar que, muitas das pessoas que frequentam este tipo de salas, têm intenções mais ou menos pecaminosas. O envolvimento fez-se então a partir de uma postura hiperdefensiva, extremamente ciente da sua privacidade, acompanhada por um medo de ser desvelada.

O acto de frequentar o chat continuou a desenvolver-se, numa posição em que o vector lúdico e o da mentira descarada são as dimensões dominantes. No fim de contas, a avatar confrontou-se com os inqueritos e, uma vez que não sabia muito bem como lidar com eles, acabou por contornar o assunto através da charada e a mistificação com fins meramente inconsequentes.

Mas leiamos a nossa nick, numa passagem recolhida mais tarde, a propósito da mesma fase inicial do envolvimento com as salas de conversação:

*Hello again,*

*eu proibi a miúda de ir... rsrsr... ela certo dia, estando farta de me ouvir resolveu dizer-me para eu experimentar, já que estava farta de estar em casa sem fazer nada, só a chateá-la... rsrsr... e eu tau, experimentei, no primeiro impacto detestei, achei que se estavam a intrometer demasiado com as tais perguntas que continuo a não gostar de responder (embora às vezes entre na brincadeira e as responda). Foi nessa altura que comecei a privar e detestei, hoje já sei seleccionar as pessoas com quem privo, como tu por exemplo...rsrsr (não tem mal nenhum, conversa-se apenas).*

*Quanto à identidade que inventei, não era de forma alguma para me «proteger», era mesmo para brincar, sabes que adoro brincar e naquela altura era ainda mais espontânea nas brincadeiras, de cada vez que entrava com o tal nick eram tardes de riso, caíam-me os nick's masculinos todos em cima, nem sei se eles acreditavam nas targas que lhes dava... rsrsr. às tantas já todos me conheciam na sala (mas nunca me identifiquei, mantive-me firme... rsrsrrsr).*

*Registei o nick apenas para ter mais fácil acesso às salas, não por nenhuma razão específica... e não conheço praticamente ninguém de lá, apenas as tais pessoas de que te tinha falado noutra e-mail que te enviei.*

12 de Dezembro de 2006

Esta passagem fornece-nos mais algumas pistas sobre o envolvimento com as salas de conversação, nomeadamente a construção de

uma certa segurança que permite não responder aos inquéritos. Ao mesmo tempo, a fase exploratória continuou e, ao vector lúdico, juntaram-se outros passos importantes na adaptação: como experimentar ir privar (e também aqui o texto nos fornece pistas sobre a aquisição de mestria nesta opção, uma vez que a Enya desenvolveu um sentimento de saber seleccionar as pessoas com quem priva). O facto de se registar o nick é um outro passo, pois o poder entrar-se mais facilmente nas salas, representa também um importante investimento na estabilidade de um nome virtual e nas redes de conhecimentos que acaba por tecer. No entanto, as brincadeiras mantêm-se dominantes: tudo se passa como se a Enya estivesse ainda presa ao mundo real, e ainda não se conseguisse recriar como personagem fictícia: o referente é ainda a realidade, embora seja para a burlar pois, afinal, diz nunca ter revelado a sua identidade.

Assim, estamos perante um nick que se confronta constantemente com os inquéritos, os ddtcl, e que engendrou determinadas estratégias para lidar com eles. Muitas das escolhas surgiram por tentativas erro e por experiências que acabaram por não dar bom resultado. Mas nas salas de chat, nunca se está completamente encurralado:

*Uso vários (nicks) porque, por vezes, não me apetece ser lida por algumas pessoas com quem teclo com determinado nick, o que eu mais gostava e que era o m37, escolhi-o por brincadeira (estava farta de responder a ddtcls, idd, etc..), o Enya foi o 1º que usei no chat (antes de ser registada).*

25 de Outubro de 2006

A questão dos inquéritos, ou seja de onde teclas; o estado civil; altura; descrição física entre outros, acaba por se tornar enfadonha. A constante indagação sobre o mundo real é desinteressante ainda que, neste caso (e em muitos outros adivinhamos nós), as respostas estivessem sempre no registo da mentira lúdica, por assim dizer. O uso de várias identidades tornou-se, pois, instrumental, sendo gerido conforme as conveniências, como modo de lidar com even-

tuais tensões e evitar encontros desagradáveis ou apenas não apetecíveis naquele momento.

Finalmente, e não menos importante, impôs-se a escolha de uma sala de preferência, após um período experimental mais ou menos longo:

*Cada sala tem uma dinâmica diferente, já frequentei as três principais (30/40, 40/50, +50) a que menos gostei foi a dos 30/40, tal como já te tinha dito acho que os nick's que frequentam a sala são muito arrogantes (acho que aqui o factor idade tenha alguma influência) sendo difícil «penetrar» no ambiente da sala, dá-me a sensação que muitos deles se conhecem pessoalmente.*

19 de Outubro de 2006

Curiosamente, foi a propósito de um diálogo parecido com este que nos surgiu a ideia de construir este trabalho. De facto, um dos aspectos importantes nas trajectórias dos avatares estáveis, que investem na sua identidade virtual, passa precisamente por escolher um lugar que se vivencia como agradável: é nele que se irá desenvolver grande parte da vida virtual.

#### A VIDA DE NICK

Nesta etapa, tentámos codificar o material referente às opções e modos de ver a sala de chat que a nossa nick frequentou, depois de ter escolhido uma sala e de fazer algum investimento, no que diz respeito a diversas dimensões que constituem uma identidade virtual. Desejamos, sobretudo, tentar compreender o modo como gere as tensões e as escolhas que vão surgindo na actividade de chatar.

Leiamos, pois, as seguintes passagens:

— *Sabe-se com quem se deve ou não conversar dependendo da conversa da outra pessoa, encontram-se pessoas com quem se tem conversas muito interessantes, embora eu ande quase sempre na brincadeira, gosto do chat para me descontraír e divertir, não levo aquilo a sério como alguns nick's, que eu já tenho observado, que por vezes se envolvem em discussões e tudo.*

— Não teço sempre com os mesmos nick's, mas claro que se percebe quem anda no engate, quem usa aquilo para se distrair como eu e mais raramente quem usa aquilo para desabafar (mas isso acontece mais com as mulheres).

25 Outubro de 2006

Sublinhamos aqui aspectos importantes: em primeiro lugar há uma certa ideia de afastamento em relação às salas, uma vez que a nick apenas as usa para se divertir e não as leva realmente a sério; um segundo relaciona-se com a sensação de conhecer, de algum modo, quem é que está do outro lado a teclar. Acha, no entanto, que são necessárias certas reservas mentais em relação à sala, na medida em que elas permitem um envolvimento maior com as conversas virtuais. Identifiquemos algumas: a atitude lúdica inicial; um afastamento em relação a certos avatares (por exemplo: o afastamento do comportamento de engate ou do envolvimento em discussões mais sérias). Este tipo de estratégias permite um prossecução da trajetória nick, no sentido de retirar eventuais reservas interiores em relação a aspectos negativos da sala de chat. O outro aspecto importante para esse desenvolvimento prende-se com o sentido de autoria: a Enya tem realmente a sensação de conhecer as outras identidades, pelo menos os seus estilos de teclar e, por conseguinte, tem a noção de poder fazer escolhas e relacionar-se com avatares que mais têm a ver com ela.

Assim, prossegue o envolvimento com as salas de conversação que é concomitante a um crescente interesse e captação emocional. A certo momento, torna-se necessário a ultrapassagem de outra etapa importante: o registo das identidades virtuais. Relembramos que nas salas que frequentámos existe a opção de se entrar como visitante, como nick não registado e como nick registado. Quando as salas estão muito cheias, o acesso torna-se mais difícil, às vezes quase impossível, pelo que ao se ter uma identidade registada, os avatares têm acesso a um certo número de privilégios: entrar com password e com mais facilidade (ou seja, é-se proprietário de uma determinada identidade); aceder a cartões de visita; expulsar nicks

da sala; convidar outros nicks para o privado sem que o convite surja no rolamento dialogal, entre outros.

No caso da Enya, o passo de registar identidades é descrito como uma opção casual, o mesmo se aplicando aos nomes que encimam cada um desses avatares, se não vejamos:

*... resolvi registá-lo para substituir a m37, os outros são escolhidos ao acaso, tenho um que já não uso há algum tempo que o registei por mera brincadeira (Trombuda... por não ter nada que ver comigo), depois tenho o NIVEA\_sun, que foi para o início do verão...como tinha protector usava-o para quando alguém me estava a chatear na sala não me reconhecer, já fui frontline (para brincar com outro nick da sala, que era pulg@... lol) como vês não levo os nick's a sério, escolho-os ao acaso.*

25 de Outubro de 2006

Ou seja, muitos nicks foram escolhidos no meio de conversas mais ou menos cómicas, a propósito de brincadeiras com outros chatadores. No entanto, registamos também o início de um uso instrumental das identidades. De facto, é possível evitar certas conversas que não estão a apetecer ou mesmo passar ao lado de certos nicks, através da mudança de nome. Da mesma forma, como dissemos anteriormente, também se nos afigura engraçado e utilitário surgir com outro nome, meter conversa com um nick que já nos conhece e, através de pequenos indícios, nos darmos a conhecer e iniciar uma conversa mais anónima em contexto público. Vimos a Enya e também vários outros avatares a fazer este tipo de manobras.

De qualquer modo, ao se ter identidade estável, acaba por desenvolver-se uma rede de conhecidos próximos e afastados, a quem se cumprimenta ao entrar na sala. Desta forma, a Enya e, de um modo geral, todos os nicks que fazem investimentos nesta direcção, acabam por se prender a um território. Pretendemos dizer que se constituem conhecimentos, comportamentos a adoptar e regras de cumplicidade mais ou menos subentendidas, ou seja, passam a existir coisas a ganhar e a perder.

Do que nos é dado a saber, a Enya acabou por estabilizar neste nick, não utilizando os outros de que nos falou no excerto que acabámos de passar em revista. Uma pessoa que não tenha nenhum objectivo instrumental, como a Enya, que se interessa apenas em comunicar e rir-se na sala de chat acaba por estabilizar numa identidade, a não ser que as coisas corram mal por algum motivo (relembramos as situações do cyberbullying. De facto, se emerge uma rede de conhecidos e de cumplicidades para quê estar sempre a mudar de identidade?

Indagámos também a Enya a propósito de regras e normas de comportamento que tenha detectado na sua vivência de avatar. Classificámos em Vida de Nick as suas opções pessoais, enquanto que as regras e percepções aplicadas a outros virão apresentadas, mais adiante, no tópico respectivo. Leiamos o que ela diz a respeito das suas escolhas individuais:

— Não excludo ninguém do chat, 1º porque quem sou eu para o fazer? Não tenho esse direito...e 2º porque ao fim de dois minutos a pessoa pode entrar novamente, seja com que nick for.

— Uma das coisas que raramente faço é privar e só o faço quando estou com alguém que tem as tais ditas conversas interessantes. Não gosto de privar porque a maioria das pessoas confundem privar com sexo virtual, isso eu acho doentio (sexo virtual), mas muitas pessoas o procuram, mais uma coisa que me faz reflectir sobre a solidão e vazio que certas pessoas sentem, para procurarem uma forma de sexo onde continuam sozinhas, sem afectos e sem contacto humano...

Terminei... acho... lol (muita coisa escapa quando se está a escrever...)

25 de Outubro de 2006

A Enya apesar de ser um nick registado, e com muita experiência, não faz uso de um dos seus privilégios que passa, precisamente, por poder expulsar nicks que a estejam a importunar. Esboça-se aqui a ideia da tolerância, que já aflorou noutros momentos, e que voltará mais adiante à baila. A nossa avatar faz escolhas, sabe quem

tem conversas interessantes e quem não, mas não critica nem faz julgamentos sobre o comportamento dos outros.

Este excerto reforça a ideia da existência de algumas opções pessoais quanto ao modo de se estar na sala de chat: a maneira como a Enya gere a sua passagem do espaço da grande sala para o contexto de sala privada, onde apenas dois ou três nicks se encontram a conversar ao abrigo de outras leituras. Esta passagem traz consigo uma mudança de registo, no sentido de um maior envolvimento, o que nem sempre é bem gerido pelos nicks com os quais a Enya esteve em contacto: a ideia de estar só, de estar com uma identidade feminina noutro contexto, acaba por levar a mal-entendidos. Mal-entendidos esses que acabam por fornecer experiências que moldam percepções e impõem reservas em relação a pedidos de privar.

Também não poderíamos deixar de dar atenção ao pequeno comentário que a Enya fez a propósito do sexo virtual. Este tipo de actividade é sentido como expressão de uma forma de solidão profunda, assunto que retomaremos mais à frente na secção dedicada à forma como a nossa nick percebe os outros chatadores e as interações que muitas vezes se tendem a estabelecer na sala de chat... solidão que não é sentida nas outras formas de comunicação virtual em que as pessoas permanecem, no fim de contas, sozinhas durante horas e horas.

Como a Enya aparentasse alguma relutância em reconhecer a existência de regras nas salas de chat, insistimos na ideia, sublinhando alguns dos comportamentos e posturas que observámos na nossa própria interacção. Leiamos o seu “teclanço” mais uma vez:

Mas quanto a mim isso não são regras impostas pelo site em si...faz parte da educação e formação de cada um!! Eu sei respeitar cada um e jamais diria alguma coisa sobre ti ou sobre quem quer que seja e também, quanto a ser mal-criado, por vezes prefiro não responder ou fingir mesmo que não estou a ler certos insultos que por vezes me dirigem (as tais pessoas mal formadas e que nem uma letra nos merecem). Quanto ao privar, raramente privo sim, porque já apanhei algumas pessoas mal-educadas (como sou brincalhona e extrovertida muitos baralham-se), muitos não privam também porque a maioria confunde privar

*com sexo virtual (não sei se em algum dos meus mails te disse o que penso sobre sexo virtual). Quanto a haver pessoas em quem se possa confiar, há sim, já tenho descoberto algumas (embora só as conheça mesmo virtualmente), sejam elas homens ou mulheres.*

30 Outubro de 2006

Indagámos, pois, a Enya sobre alguns aspectos do nosso acordo implícito como por exemplo: não revelar em sala pública os vários nicks que conhecíamos um ao outro; não revelar, do mesmo modo, as conversas que tivemos e momentos que partilhámos em privado. Depois, e reforçando um aspecto que a Enya já referiu noutras passagens, quando confrontada com pessoas que são malcriadas, prefere não chatear-se, tolerando-as mas não lhes respondendo. As passagens ao contexto privado são já estudadas nesta altura, ao mesmo tempo que se desenvolve um sentimento mais ou menos real de conhecimento das pessoas em quem se pode confiar (confiar até um certo ponto, como veremos nas diversas matizes explanadas pela nossa autobiografada).

Todo este clima de aceitação e de tolerância não a impediu, que ela e a outra avatar provocassem a expulsão de um nick recém-chegado à sala que teve um comportamento de engatatação. Foi gozado pelas duas amigas até ter admitido que se calhar “se tinha enganado na sala” e o melhor mesmo era mudar de ares.

#### DE REGRESSO À REALIDADE

Referimos ao longo deste texto a replicação da realidade material na sala de chat, de como essa replicação fornece uma espécie de matriz para um sentido de humor bastante peculiar. Resta-nos acompanhar o movimento inverso, isto é: o que aponta no sentido de um regresso do mundo virtual à realidade. Por sorte nossa, para enriquecer o trabalho, acompanharemos agora a Enya nos seus encontros reais com diversas identidades que conheceu nas salas. Existiu aqui o desenvolvimento de uma curiosidade sobre quem é aquela pessoa com quem se gosta de teclar, bem como uma evolução na selecção das pessoas com quem se trava conhecimento.

A evolução da identidade virtual é, como em quase todas as actividades humanas, um processo de aprendizagem por tentativa erro. As experiências menos boas fazem repensar as opções; as que resultam trazem consigo gratificação, e a confirmação das escolhas acertadas confirmam posições e passam a fazer parte de nós.

Leiamos então o relato das suas primeiras experiências:

*A primeira pessoa que conheci não gostei nada de a ter conhecido, não dei atenção à maneira como ela escrevia e fiquei muito decepcionada (mas tinha uma curiosidade enorme em conhecer pessoas daqui, para de certa forma me certificar que existiam mesmo pessoas por detrás do nick), era uma pessoa desleixada, dá-me a ideia que anda no chat para engate (não critico quem ande). Não me pareceu ser uma pessoa solitária, tinha 4 filhos e dois sobrinhos que adoptou, casada e com uma vida estável. A segunda gostei, deu para manter um diálogo agradável, é casada, infeliz no casamento e eu fui a 1ª pessoa que ela conheceu da net, com ela já fui ter mais à vontade do que com a outra (não fui com tanto stress, era a 2ª pessoa que conhecia), como já tinha tido a 1ª experiência desta vez dei mais atenção à pessoa antes de a ir conhecer, essa apesar de ser casada pareceu-me uma pessoa com alguns problemas (no fundo acho que todos quantos andam nos chat's são pessoas que de uma forma ou outra têm problemas, eu incluída... lol). A terceira pessoa, tinha mesmo muita curiosidade em ir ter com ela, já falávamos uma com a outra há algum tempo por telemóvel e de certa forma já éramos amigas. Adorámos conhecer-nos, mas ela sim pareceu-me ter problemas, ela própria diz que sim, divorciada e com dois filhos, pessoa formada, muito culta, com um bom cargo a nível profissional, mas nem por isso diferente dos demais, levou-me a casa dela e tudo (foi um nick que eu te disse na sala, quando teclávamos hoje, que era minha amiga) com ela a conversa fluiu com muita naturalidade. Vamos repetir os nossos encontros...*

23 de Outubro de 2006.

Em primeiro lugar, reforçamos a ideia de curiosidade e do modo como a Enya se relaciona com a virtualidade e o anonimato inerente

às salas de chat: sentiu necessidade em conhecer quem estava do outro lado – quem eram os rostos e os modos de ser das pessoas com quem interagia. Mais uma vez se relata um percurso de tentativa erro, pois “*não dei atenção à maneira como ela escrevia*” (e aqui escrever é quase sinónimo de maneira de ser). A Enya confrontou-se com uma avatar que tem motivações bem instrumentais para estar no chat: a nossa nick confirma a sua tolerância, ao mesmo tempo que reconhece uma divergência de interesses. Apesar do encontro não ter corrido assim tão bem, proporcionou uma experiência que lhe permitiu controlar o seu nervosismo nos encontros posteriores.

Sublinhamos, também, o facto destes primeiros encontros se darem com pessoas do mesmo sexo e num registo de amizade. Repare-se que o terceiro contacto foi preparado mais longamente, sem pressas, e com a utilização de outras formas de comunicação como o telemóvel. O encontro surgiu, pois, naturalmente e esteve na origem de uma nova amizade. A ideia dos nicks, que frequentam salas de chat, terem todos problemas é uma percepção dos actores, que caberia noutra dimensão desta análise mas que, ainda assim, aqui sublinhamos (optámos por não codificar o texto em unidades muito pequenas de modo a não se perder o sentido de história que acaba por surgir nos textos que a Enya nos enviou).

Os encontros, no entanto, não se ficaram por aqui e passaram a também a incluir pessoas do sexo oposto. Recebemos o excerto, que de seguida disponibilizaremos, no mesmo mail que o texto que acabámos de comentar. Nele se conta, de forma resumida, um primeiro encontro com um avatar masculino:

*O tal nick (Pedro\_F) que tu muito bem identificaste e que eu digo ser meu amigo virtual, foi o que me deu mais stress conhecer (por motivos óbvios, é homem, há sempre aquela cena...), ia tão nervosa que não consegui ser eu...loool...teclei com ele durante meses, gostei de o conhecer, mas revelou-se uma decepção para mim, só me procura quando necessita desabafar, depois desaparece, não houve nada a não ser o famoso cafezinho (que repetimos mais 5 ou 6 vezes), quando digo que não houve nada, não quer dizer que fôssemos ter um com o outro*

*no intuito de haver mais alguma coisa...lool, esse sim deu-me a sensação que vive muito solitário, mas não se apercebe... (não liguês se as frases forem mal estruturadas, vou escrevendo). Também ele ia muito stressado por me ir conhecer (não acontece só às mulheres). De todas as vezes que fui ter com alguém tive sempre o cuidado de ir ter a um sítio onde houvesse muita gente. Daqui a pouco tenho um relatório feito...loool...pareço uma matraca quando começo a escrever, não sei se consegui passar o que querias saber...lool. Se quiseres saber mais alguma coisa é só dizeres...loooooooooool (não escrevo mais nada senão ainda adormeces).*

23 de Outubro de 2006

O encontro com um avatar do sexo oposto implicou ainda mais investimento. Sublinhamos, especialmente, o facto de este encontro ter sido preparado durante alguns meses. No entanto, a experiência foi vivida com alguma tensão e nervosismo. As coisas evoluíram bem nos primeiros tempos, ou seja não houve uma decepção imediata, no entanto, com a repetição dos encontros e a passagem da relação de amizade para o mundo real, algo não funcionou bem: o Pedro\_F revelou-se muito centrado em si mesmo, o que acabou por defraudar as expectativas de Enya.

É também curioso pensar um pouco no fim do excerto apresentado: ele debruça-se sobre os cuidados que se tornam indispensáveis a quem se disponibiliza a estes encontros. Apesar de se ter a sensação de algum conhecimento dos nicks e do estilo de teclar, estas impressões não dispensam as atitudes preventivas. Essas atitudes não só se aplicam às salas de chat (no sentido de se ir teclando para se conhecer por períodos superiores de tempo); como a outras formas de comunicação (passagem a messenger; troca de fotografias; telemóvel) ainda na marcação de encontros em sítios que não se tornem ameaça e que proporcionem no fundo alguma segurança.

Estes contactos proporcionaram a Enya a aquisição de competências de decisão e de avaliação do comportamento dos outros. Possibilitaram também um sentido de mestria e de auto-confiança. Estes sentimentos permitiram um envolvimento mais sincero com

as conversas em que se via embrenhada, ao mesmo tempo que se tornava mais electiva e exigente nos contactos que mantinha ao longo do tempo:

*...e comecei a envolver-me mais com as pessoas, a perceber com quem interessava ou não teclar, pela forma como a pessoa tecla consegue-se mais ou menos ir conhecendo (já falámos nisto) embora, claro, não tenha nada a ver com conhecer a pessoa na realidade. Há pessoas por quem sentimos amizade, outras teclamos e nem curiosidade nos despertam, outras... ahhh despertam-nos outro tipo de sentimento... bolas, eu agora até uma paixão virtual tenho!! (rsrsrsrsrsrsrsr...se me dissessem que isto existia eu gozava logo com essa pessoa). Não repares nas frases e no texto mal estruturado, estou a escrever meio à pressa, estou no emprego. Espero ter respondido ao que me perguntaste, se precisares de mais alguma cena é só apitares...rsrsrsr*

12 de Dezembro de 2006

A Enya apesar de estar ocupada nesse dia mandou-nos outro mail, respondendo-nos à questão de como foi possível acontecer a paixão mútua – como se fosse possível explicar com precisão a razão pela qual duas pessoas gostam uma da outra...

*Quanto à tal paixão de que te falei, realmente não dá para explicar, tanto eu como a tal pessoa nos achamos estúpidos por nos sentirmos assim, nem sabemos se de facto nos chegaremos a conhecer, a pessoa vai-se envolvendo com outra nas letras e quando dá por ela está a fantasiar e a ter sentimentos que desconhecia poder sentir por aqui (estranho!!!!).*

12 de Dezembro de 2006

O relacionamento seguiu as etapas costumeiras da sala comum para a sala privada, a troca de mails, as possibilidades proporcionadas pelo messenger; a troca de imagens e de telemóveis... até se dar o encontro real e se desenvolver o relacionamento afectivo na realidade, sobre o qual não nos debruçaremos.

A Enya começou a ficar menos disponível para troca de mails, de onde todas estas passagens foram retiradas. Sempre que a nossa nick tinha tempo para navegar na net usava-o para estar com o seu companheiro e não para chatar em contexto de grande grupo. Ainda assim, tivemos oportunidade de continuar a conversar com ela em contexto de sala privada e aceitando o facto dela manter conversa com outras pessoas. Nestas conversas, recolhemos mais material para esta obra, mas partilhámos também problemas comuns ou seja, estabelecemos uma relação de amizade.

As conversas neste período versaram, como aliás foi habitual, os mais diversos assuntos, assim soubemos que a Enya teclou com um avatar completamente viciado nas salas de chat, passando dias e noites sempre na conversa. O vício chegava ao ponto de deixar de se lavar e de barbear “*falei com ele porque me lembrei do teu estudo*”.

Em termos da sua paixão, a Enya valorizou o facto do seu companheiro a ter aceite no messenger, de ter criado um mail só para ela. Estes factos consubstanciavam um acesso privilegiado, ainda que virtual, experimentado como uma forma de deferência e de ligação emotiva. De qualquer modo, sempre que a Enya acedia à net, através do messenger, ficava a saber se o seu namorado também navegava. Assim, não precisou de aceder às salas para falar com quem pretendia.

Notámos, desde logo, um afastamento das salas através de outros modos: a partir de determinado momento a Enya começou a questionar-nos sobre a sua participação neste estudo, uma vez que não se interessava mais por estas formas de comunicação. Nós discordámos da afirmação defendendo que estávamos perante um percurso completo de envolvimento e afastamento das salas, invectivando-a reflectir sobre os motivos desse afastamento. Foi então que recebemos este último mail:

*Hello again bonza...*

*Quanto ao processo de desvinculação creio ser simples... sempre andei por ali na brincadeira, não era minha intenção conhecer ninguém (engate..subentenda-se..), a partir da altura em que encontro*

*uma pessoa com um sentido de humor fantástico e inteligente, fiquei deslumbrada.*

*Conheci-o .. tem sido uma descoberta fantástica (mesmo que sejam só momentos), não me alongo mais neste assuntos.. rrsrrsrs*

*Claro que entro no chat e não consigo achar piada a nada do que se escreva ali, tirando dois ou três nicks (tu incluído), não gosto de conversar com mais ninguém.*

*PS: mais uma vez se alguma coisa não esteja bem explicada não liguês. escrevo à pressa*

*4 de Janeiro de 2007*

A Enya refere-se a um processo de saturação, como se o mundo real tivesse agora mais poder e esvaziasse de sentido a conversa eterna, aquela postura cool em contexto de grande sala. Este tipo de comportamento organiza-se em lugares comuns que nem sempre são suportáveis. No caso da nossa amiga a vivência de uma paixão, com os obstáculos que ainda tem pela frente, acabou por esvaziar de significado muitas destas peripécias virtuais.

Actualmente, de todos os contactos e conversas, manteve apenas dois ou três conhecidos/as virtuais que conheceu na realidade.

#### PERCEPÇÕES DOS OUTROS

Esta categoria corresponde à percepção e opinião que a Enya construiu dos outros e dos contextos nos quais se viu implicada. Nunca será demais sublinhar a importância das maneiras de sentir, dos modos como se encara o que nos envolve, para compreendermos as escolhas e as evoluções de cada um. Conheçamos as opiniões da nossa nick em relação a certos aspectos do funcionamento dos chats e, mais concretamente, das dinâmicas que se estabelecem na sala em que nos conhecemos e que frequentámos com mais assiduidade:

*Olá, desculpa não te ter respondido antes mas não tinha tido ainda oportunidade de o fazer. Sei pouco sobre os operadores das salas, sei apenas que cada sala tem um OP, menos a sala dos 50 (não sei*

*porquê...), a função deles ao que sei é manter nick's menos agradáveis fora da sala (quando começam a agredir ou a perturbar a ordem da sala) expulsando-os, sendo possível mantê-los fora da sala durante 2 horas (o que sei foi um dos nick's da sala que me disse, julgo que ele trabalha para o site), por vezes os OP usam nick's registados, outras vezes interagem com alguns nick's da sala como «Lenine». Também sabes que os nick's registados podem expulsar os que não são registados, quanto a mim não resolve nada, pois ao fim de dois minutos podem voltar à sala usando outro nick.*

*19 de Outubro de 2006*

A Enya dá-nos informação sobre o funcionamento das salas, não evidente a recém-chegados como nós éramos na altura. Assim, existem em cada sala polícias que acabam por expulsar nicks que tenham comportamentos inconvenientes, como por exemplo invadir o rolamento dialogal com as mesmas frases ou grafismos; usar linguagem muito escandalosa, entre outros. O realmente novo aqui é a possibilidade desses polícias de chat entrarem em interacção com pessoas da sala e, de alguma forma, travar conhecimento. Acrescentemos, ainda, um outro facto: os nicks registados podem expulsar os não registados, mas têm de fundamentar essa atitude drástica, através de um pequeno relatório a que os operadores de sala certamente têm acesso e sobre o qual se pronunciarão.

Acompanhámos a Enya no conhecimento que ela tem do funcionamento das salas, certamente mais profundo e avançado que o nosso... mas não nos fiquemos por aqui, leiamo-la mais um pouco nas apreciações que faz:

*A sala dos 50 tem pessoas fantásticas, mas como não tem OP torna-se mais vulnerável a pessoas indesejáveis tendo por vezes mau ambiente.... a dos 40/50 tu conheces, pois também a frequentas. Quanto ao chat do —<sup>4</sup> pouco te posso dizer, pois fiquei apenas 10*

<sup>4</sup> E Enya identifica aqui com precisão os sites que suportam as salas. Optámos por mantê-los no anonimato.

*minutos se tanto, é completamente diferente do —, tem letras muito pequenas, muitos símbolos que tu podes escolher para poderes interagir com os outros nick's, só entras lá fazendo registo previamente (e não sei como, mas dá para privar sem os outros verem... sei isto porque teclei com um nick que me seleccionou). Espero ter-te ajudado, não sei se é este tipo de descrição que pretendias, se não for diz como queres para a próxima... lol*

19 de Outubro de 2006

Um facto interessante passa pela vulnerabilidade da sala dos 50, mais exposta a ataques e a comportamento disruptivos que acabam por estragar o ambiente de conversação colectiva. Também é curioso o facto da Enya não querer explorar seriamente o funcionamento de outro tipo de salas. Os chats que exigem registos e programas especiais para haver interacção acabam por afugentar os iniciantes. Neste aspecto, achamos que quanto mais fácil for o funcionamento, maior adesão terá, pelo menos como forma de captação. Só numa fase posterior será aconselhável a disponibilização de outros suportes e apoios à comunicação.

Também tivemos oportunidade de concordar com a percepção de que muitos dos nicks da sala 30/40 se conhecem entre si e, por isso, as conversas com pessoas que vêm de fora se tornam mais difíceis. Mas foquemos agora outro assunto, que passa pelo modo como a Enya sentiu muitos dos nicks que tentaram contactar com ela:

*... acho que o facto de te estares a aperceber da solidão das pessoas que frequentam os chat's devia motivar-te mais ainda em prosseguíres (este estudo), no fundo são o reflexo da nossa sociedade. Aqui as pessoas mostram melhor o que na realidade são (ou não, outras facetas, por vezes perigosas e escondidas). O que mais me impressiona é a facilidade com os homens nos convidam a beber um café no intuito de terem sexo, não se importando com o aspecto físico nem a personalidade da pessoa (será que se está a perder a forma de conhecer pessoas naturalmente?).*

23 de Outubro de 2006

A nossa colaboradora pressente a solidão em que muitas das pessoas com quem teclamos vivem. Aliás, este comentário vem a propósito de uma conversa que mantivemos acerca destes assuntos. O assédio, que muitos avatares masculinos fazem, revela um anonimato e uma vivência da sexualidade a nível próximo do meramente instrumental. Uma outra opinião, diversas vezes lida nas teclas de outras pessoas com quem conversámos, tem que ver com uma espécie de sinceridade e de veracidade que é mais notória no chat do que na realidade. A interrogação que termina a passagem é, neste particular, bastante interessante, pois questiona alguns aspectos negativos da comunicação virtual (o anonimato, a instrumentalização dos contactos) aludindo, de passagem, à possibilidade dos contactos informais estarem em erosão.

Os aspectos negativos do contacto virtual são ainda melhor dissecados na seguinte passagem:

*Uma das coisas que me incomoda é perceber que há certas pessoas que julgam que todos andam ali com as mesmas intenções... engate... tipo supermercado onde as mulheres estão expostas e quem quer escolhe e tira (já tenho falado sobre isto com outras mulheres e muitas dizem sentir o mesmo) e depois como a pessoa não priva, nem faz o que eles pretendem, tratam a pessoa mal, eu ignoro quando isso me acontece, longe de mim ir para ali para me chatear, seja por que motivo for.*

25 de Outubro de 2006

A Enya queixa-se precisamente da visão monolítica que certos avatares com intenções puramente reais, desenvolvem a propósito das pessoas com quem teclam. As identidades femininas têm, neste particular, de fazer uma cuidadosa gestão de tensões e de interacções. Os mal-entendidos e desencontros de intenções são particularmente frequentes. Assim, quando existe uma recusa em privar ou se, já em contexto de sala privada, esse desencontro de intenções se tornar evidente, as conversas podem azedar e tornar-se desagradáveis. Vimos, anteriormente, como certos avatares tinham de trocar de identidade, a Enya, por seu turno, preferiu simplesmente ignorá-los.

A indiferença e o silêncio podem ser formas rápidas e eficazes de sanar pequenas divergências.

### 3. UM PERCURSO VIRTUAL

A entrada no chat e todo o percurso de Enya organiza-se na sua vida real de um modo bastante curioso. É certo que não nos alongámos pelos caminhos da materialidade, mas não podemos deixar de explicitar agora a insatisfação e desorganização afectiva que grassavam na vida da nossa colaboradora, aquando da sua entrada nas salas de conversação. Porém, o seu envolvimento com este mundo não é instrumental, no sentido de querer conhecer pessoas ou de ter um relacionamento afectivo de algum tipo.

Recordemos a fase lúdica que a Enya relatou. Essa etapa tem importantes funções de adaptação à vida de nick e às especificidades que ser um avatar estável, numa determinada sala, pressupõe. A fase lúdica pode também ser encarada como uma forma, a que a Enya se socorreu, de se afastar dos problemas reais com que se confrontava na altura. Encarada deste prisma, a entrada numa sala de chat fornece o ensejo para o afastamento, para se mimar papéis com que se fantasia. Pode ser ainda uma forma imaginária de resolver problemas da vida real. Um dos nicks escolhidos nesta fase é precisamente o de *divorciada*, fase pela qual a Enya estava a passar.

A vontade inicial passa, precisamente, pela necessidade de afastamento da vida real, traduzida num baixo nível de comprometimento com os ambientes da sala. No caso da Enya, assistimos depois a uma progressiva territorialização, no sentido em que há um enraizamento a uma sala, a construção de uma rede mais ou menos estável de nicks conhecidos. É então que a necessidade de realidade torna a ser visível, ou seja: assiste-se a uma vontade de conhecer as pessoas por detrás das máscaras. Assistimos, então, a encontros com diversas pessoas e que vão evoluindo ao longo do tempo.

Nas conversas em que acabámos por nos envolver, apercebemo-nos que existe uma ambivalência entre o que é dito na sala (do género: não privo; estou aqui só para me divertir, não quero conhecer

ninguém) e o que depois acaba por acontecer. As pessoas conhecem-se, privam, falam de si mais ou menos abertamente em contexto de conversa privada. Foi o que acabou por suceder com a Enya.

Outra riqueza do percurso da nossa colaboradora prende-se com o envolvimento afectivo que acabou por acontecer entre ela e outra pessoa que conheceu. Descrevamos, por alto, e respeitando o seu desejo de privacidade neste assunto, o modo como as coisas apareceram no mundo virtual... quanto ao mundo real deixemos que o amor crie as suas raízes.

A Enya afastou-se da sala de conversação. Como se aquela conversa a propósito de tudo e nada, muitas vezes sem verdadeiro conteúdo, acabasse por deixar de fazer sentido ou possuir capacidade de atracção. A necessidade de distância em relação à materialidade não era então tão premente, para não dizer já inexistente.

Assistimos, assim, a uma espécie de nascimento, vida e morte simbólica de um nick. Não quer isto dizer que a Enya não frequente a sala de chat de que é habitué, mas o envolvimento emocional e o entusiasmo são completamente diferentes. Também por isso, nos interessou apresentar aqui o seu percurso.

Sublinhemos alguns pontos importantes:

- na aprendizagem da identidade virtual presenciámos as motivações iniciais em que se depreendeu alguma infelicidade; assistimos à exploração fortuita, primeiro ingénua e de seguida mais sistemática, depois de encontrado o seu lugar numa sala de conversação; constatámos a definição de um espaço virtual;
- na gestão do nick passa a existir um território e o investimento de uma personagem fictícia, há uma criação de redes de conhecidos/as; faz-se o uso de várias opções, como a utilização de diversos nomes, de que só os mais íntimos avatares tiveram conhecimento; o seleccionar nicks e ambientes de conversação (simultaneamente passa a usar com mais intencionalidade os contextos público; privado; messenger, entre outros);
- relativamente ao que denominámos morte simbólica: um estado passageiro ou não em que as vantagens e o prazer retirado das conversas virtuais esmoreceram; as conversas eternas deixaram um

sentimento de vazio e, tendo em conta os interesses amorosos que acabaram por surgir na sua vida, o afastamento acabou por ser compreensível.

É curioso reflectir sobre o modo fortuito com que a Enya acabou por conhecer o mundo das conversas virtuais. Chamamos para aqui uma afirmação de um investigador das ciências sociais, Blumer, que parafraseamos: *não é a motivação que implica o comportamento, mas sim este que cria a motivação*, ou seja, o que vamos fazendo também nos ajuda a fazer escolhas e a delinear aquilo que somos. Na nossa história de vida virtual deparámo-nos com essas tentativas exploratórias que, apenas depois de encontrado um espaço que se considerou ideal, é que evoluíram para outras gratificações: a rede de amigos e amigas virtuais; o conhecer pessoas...

Assistimos, inicialmente, a uma fuga do mundo real, quando a Enya dá mais relevo à parte lúdica e à questão do anonimato. Foi nesta fase que brincou com as identidades, pretendeu ser coisas que não era mas que estava em processo de ser, como no caso do nick de *divorciada*. Depois desta etapa surgiu a necessidade de procurar marcas de materialidade: conhecer pessoas, rostos, modos de ser.

Outro aspecto que pretendemos aqui sublinhar prende-se sobretudo com a rapidez com que este tipo de contactos evolui. Sempre tivemos a sensação de que, em poucas horas, se conversa imenso com as pessoas. Podemos ter diálogos interessantes e divertidos, simpatizar verdadeiramente com outras identidades. Ao lado desse tempo mais rápido, existe um outro, das nossas relações mais estáveis, das cumplicidades já estabelecidas. Para os nossos amigos e amigas virtuais, existe sempre tempo para comentários, para trocar impressões sobre o que acontece na sala e mesmo nas nossas vidas reais.

O caso de Enya é mais um testemunho dessa rapidez de contactos, pois em menos de um ano passou por todas as etapas que tem uma vida virtual, e já agora qualquer outra vida em geral: nascimento, crescimento e morte.

Intitulámos este segmento de texto como mosaico de sínteses. Em abono de verdade, como ter uma palavra definitiva sobre este assunto, após um estudo tão breve e despreocupado? Tentaremos, apesar de tudo, alinhar alguns aspectos que reputamos importantes e que detectámos ao longo do nosso esforço.

As salas de chat e a comunicação virtual, em geral, põem questões interessantes em termos de novas formas de socialização, em que a questão da realidade e do virtual tecem relações bastante intrincadas. Vimos que os nicks podem ser não registados, o que possibilita a sua utilização por outros, usurpando um pequeno território de referências; podem ser registados, e deste modo há já um maior comprometimento, pois sempre que aquele avatar estiver na sala sabemos que é a mesma pessoa que está por detrás (apesar de continuarmos a não a conhecer, bem-entendido). Depois existem os vários programas messenger em que a interacção pode ser mais ampla, ou seja usando outras formas que não apenas teclar, como a interacção sonora e mesmo visual.

Nos últimos anos surgiram vários suportes informáticos que exploram a seu modo todos estes cambiantes: o Facebook, o Hi-5 ou Orkut onde se criam páginas pessoais mais ou menos relacionadas com a realidade, a partir das quais se possibilitam conhecimentos on-line; até ao mais recente Second-Life, em que se recria um suposto mundo físico. Nestas várias hipóteses, os graus de comprometimento com a realidade vão variando, desde o anonimato totalmente assumido, a uma suposta assunção da verdadeira identidade dentro da internet (o que nunca elimina o lado dúbio e perigoso que passa por qualquer afirmação de verdade nestes contextos).

As salas de chat são apenas um suporte, mas um suporte que serve de caminho inicial a muitos conhecimentos que evoluem para conversas em messenger ou trocas de mails, mais ou menos íntimas. Estamos em crer, como dissemos no princípio deste trabalho, que

existe aqui um espaço de fuga à normalização que os mecanismos de identificação pessoal impuseram às sociedades modernas. Assim, o anonimato, o perigo que esse tipo de contactos trás consigo, mas também o fascínio, acabam por ser reactivados, ainda que de um modo mais controlado que o suporte virtual proporciona.

Há uma sobreposição, mais ou menos feliz, conforme as situações concretas, entre o que se fantasia face a um perfil ideal e as características depreendidas das pessoas que se querem nossas amigas e possuem um determinado estilo de teclar. Neste sentido, por vezes, é bastante difícil destrinçar entre o que o outro avatar demonstra realmente na sala e o que nós imaginamos que ele é. Assim, quando a relação virtual evolui do contexto público para o privado, o messenger ou a troca de mails (para não falarmos nos conhecimentos reais) observa-se uma série de dissabores e de expectativas defraudadas.

O que se acabou de dizer não impossibilita a outra hipótese que a Enya várias vezes defendeu, que nas salas conhece-se as pessoas mais rápida e profundamente. Uma vez minimizado o efeito inicial da projecção narcísica, e dizemos minimizado porque ele nunca é completamente erradicado (como aliás em todos os tipos de contactos humanos) o nick experiente acaba fazer uma selecção das pessoas com quem fala de um modo eficaz.

Estamos perante um baile de máscaras, em que a ausência de rostos, na sua expressão mais profundamente literal, acaba por se constituir como signo dominante. O não haver rosto impede o não verbal censório de interferir na comunicação, assim como muitos dos nossos preconceitos. Podemos interagir com pessoas feias fisicamente e com as quais poderíamos nunca nos relacionar na realidade: na sala existe uma oportunidade de troca de ideias e de emoções, de contacto de almas, sem todos esses pressupostos e ruídos.

Outro aspecto importante da comunicação nas salas de chat, é a ausência de consequências sociais. É certo que nos referimos a casos de nicks a serem expulsos por comportamento incorrecto, mas esse comportamento passa sobretudo por assédio a alguém ou pela invasão da rolagem dialogal por sinais ou pequenas frases que acabam por impossibilitar a comunicação. A aceitação do que o outro é, das

suas preferências sexuais, entre muitos outros aspectos, é um dado adquirido na maior parte das salas que acabámos por visitar.

Ainda sobre o facto de não existirem grandes consequências sociais, sublinhamos a importância do desabafo e da partilha de por menores sobre a vida íntima. No fundo, trata-se de uma oportunidade de ouro de ouvir problemas dos outros e de partilhar os nossos: é fácil o avatar com quem falamos tomar o nosso partido; não nos julgar socialmente; podermos abrir-nos sem tantas reservas porque não conhecemos realmente a pessoa com quem interagimos e ela não faz parte da nossa rede de amigos (enquanto que, classicamente, um amigo conhece de outras fontes a situação que relataríamos e assim julgar-nos ou fazer qualquer interferência...). Muitos nicks com quem falámos usam precisamente a rede de suporte virtual com esse objectivo.

Por outro lado, o que não queremos desvelar nos nossos próprios gestos torna-se mais facilmente atractivo. Neste sentido, simular identidades ou formas de ser é outro comportamento que muitas vezes observamos, inclusive numa componente humorística. É neste magma que se forjam cumplicidades ou que se cavam desentendimentos.

O chat funciona, em certo sentido, como um acelerador de relações. As coisas sucedem-se com rapidez e a evolução de contactos pode modificar-se substancialmente ao longo de um mesmo dia. É, por isso, recorrente a sensação de se conhecer as pessoas com quem se conversa de uma forma mais prolongada e profunda. Se esse conhecimento é realmente sólido e pode evoluir para uma amizade propriamente dita, só o tempo e a evolução dos contactos o pode desvelar.

Os desentendimentos são, aliás, frequentes uma vez que podemos estar a escrever determinada frase com uma certa voz interior, cheia de carinho e humor, que depois é lida com outra voz e atitude face às letras, com as consequências que todos poderemos imaginar. Um modo de obviar a estas discussões, ou pedidos de esclarecimento, passa sobretudo pelo uso de sinalética que acaba por permitir um enquadramento mais visível sobre o modo como o que se escreve deve ser lido.

Os nicks podem ter um diferente grau de relacionamento com as salas. Assistimos a casos em que o seu uso é puramente instrumental, a outros onde o investimento na identidade virtual é bastante significativo (lembramo-nos de um nick que tinha uma ideia muito precisa do que era próprio falar em contexto público e em contexto privado, chegando a zangar-se algumas vezes face ao nosso comportamento, supostamente impróprio). Nos casos em que há um enraizamento numa determinada sala e se desenvolve um grupo de conhecidos, as questões que vão sendo postas acabam por se ir modificando.

Assim, entre redes de nicks conhecidos, é fácil trocar de conversas; brincar a três ou mais avatares; trocar de quem chega, de modo mais ou menos próprio; ir a uma sala individual e regressar, ir privar novamente com outra pessoa; ir privar a três e quatro. As complicações acabam por estruturar um grupo aberto, que é mais ou menos estável. Quando o investimento é feito desta forma, obtém-se uma espécie de companhia omnipresente, no sentido em que é sempre possível aceder a este espaço virtual em qualquer lugar em que nos encontremos (basta que tenhamos acesso à net) e em qualquer situação de vida que seja a nossa em determinado presente.

Imaginamos que os nicks que utilizam as salas de modo mais instrumental possam fazer um uso da ideia de companhia omnipresente de outro modo. Assim, não nos custa aceitar que um avatar que pretenda uma companhia sexual de qualquer género entre na sala com um nick, que varia conforme a apetência do momento e o local onde se encontrar.

Por tudo isto, parece-nos que os chats se podem constituir como importantes fontes de apoio afectivo para pessoas que atravessam períodos difíceis nas suas vidas. Daí a ideia da Enya, várias vezes ouvida na sala, apesar de escrita de outro modo: *“todos os nicks têm um problema e eu não sou excepção”*. Para reforçar esta opinião, deixemos aqui outro testemunho: *“as pessoas vêm aqui fazer terapia”*.

Os neófitos entram num mundo da virtualidade, onde buscam o seu lugar, muitos outros, mal chegam a entrar, procuram apenas o

encontro fácil e passageiro; ou então, depois de uma busca mais ou menos prolongada, fixam-se numa sala e constroem a sua rede de conhecidos. Para pessoas infelizes ou insatisfeitas com a sua vida, entrar na sala de conversação pode funcionar como uma espécie de traição sem consequências: no fundo, é este pequeno gesto insignificante que permite a entrada num outro mundo, a exploração das suas motivações e satisfações intrínsecas.

Os nicks que apostam numa continuidade da sua identidade virtual acabam por integrar grupos abertos relativamente estáveis. Assim, emerge um sentimento de pertença e de compreensão, comuns a qualquer outro grupo que se forme. O interdito dos rostos eventualmente acaba por se tornar um empecilho, pois já vimos como a Enya expressou a sua necessidade de conhecer os seres humanos que se escondiam atrás das teclas. Em termos de grupo, ele pode evoluir de um grupo aberto, com fronteiras pouco definidas e claras, para um grupo mais fechado e menos permeável à entrada de novos elementos. Recordemos que uma determinada sala dos 30/40 tinha um ambiente muito pouco aberto e permissivo às pessoas recém-chegadas. Vimos como a Enya, e nós próprios, sentimos a mesma intolerância e fraca receptividade aquando das nossas incursões naquela sala.

Um grupo do chat que mais assiduamente frequentámos acabou por sentir necessidade de um jantar em conjunto. Podemos encarar essa necessidade como uma forma do grupo continuar a crescer, tornar-se entidade autónoma, aumentado a sua coesão interna e, por isso, definindo fronteiras do que é dentro e do que é fora. Neste sentido, não nos espanta que o ambiente da sala possa evoluir na direcção de uma maior intimidade e, por consequência, tornar-se menos permeável aos nicks que queiram penetrar nas conversas.

Outro aspecto importante passa pelo surgir de uma espécie de líder informal que mobilizou o grupo para a tarefa do encontro. No nosso caso, um dos nicks achou interessante a ideia do encontro real e mobilizou os seus conhecidos e conhecidas virtuais:

*Actualmente a Avalon (creio que a «conheces» está a querer organizar um jantar entre alguns nick's da sala...queres ir?...rsrrs)*

Esta evolução no sentido da criação de um grupo mais estruturado e com fronteiras mais definidas, apesar de tornar mais difícil a integração de elementos novos, não impossibilita os contactos com os recém-chegados. Apesar das complicitades existentes nas salas, é sempre possível a entrada de um nick, especialmente se ele souber estar e for experiente. Isto é, se se integrar na conversa que está a ser dita para todos (a famosa conversa azul) e, depois, quando for tempo, passar para conversa a dois em contexto público criando, em suma, criando a sua própria reputação. Curiosamente, este encontro não chegou a ocorrer, apenas duas ou três avatares se chegaram a conhecer.

Nós próprios experimentámos, depois de estarmos algo batidos nestas andanças, chatar novamente na sala 30-40 e as coisas não correram assim tão mal: fizemos uso da aprendizagem entretanto adquirida. Optámos por nos integrar na conversa para todos, e acabámos por descobrir como viável essa via. Está claro que nos cruzámos com nicks conhecidos de outras salas, e pressentimos que, com um pouco mais de investimento temporal, poderíamos ter aberto algumas portas.

Retomando uma das ideias de Enya, em que ela se interrogava sobre se se estariam a perder as formas das pessoas se conhecerem espontaneamente: vemos as cidades cada vez mais construídas de modo a contrariarem a interacção humana, não são só os prédios, os apartamentos, mas também as auto-estradas e metropolitanos... Em nome de eficácia e da celeridade queremos-nos enclausurados ou então em trânsito entre um e outro lugar. Por outro lado, a procura do amor ideal, da pessoa dos nossos sonhos que preencheria as nossas necessidades não existe em lugar nenhum, a não ser no inexistente que o virtual proporciona. Não se trata de jogo de palavras, mas da verdade mais pura: podemos fantasiar sobre as outras pessoas sem as conhecermos inteiramente, suportando-nos apenas nas frases soltas que são lançadas à rolagem dialogal.

Os chats fornecem um suporte à fantasia onírica que a todos acompanha. De facto, quem é que nunca idealizou alguém? Quem é que nunca esperou encontrar uma pessoa que afinal não chegou?

Nos chats podemos ir explorando vultos de personalidades, avatares, e indo-nos comprometendo com eles ao ritmo que desejarmos e que as circunstâncias proporcionarem. Neste sentido, o percurso de Enya é bastante ilustrativo: o sofrimento da separação projectou-a num mundo onírico, prontamente desfeito quando a realidade se organizou e se tornou novamente apelativa.

Apesar de referirmos as diversas possibilidades de chats que fomos conhecendo, a nossa experiência centrou-se, essencialmente, em salas em que a conversa comunitária desempenhava o papel estruturante. Os chats organizados de outro modo deverão ter outras dinâmicas, especialmente se as conversas nunca se passarem em contexto de grupo mas de one-to-one. Fica aqui outro campo de investigação virtual.

#### PASSADO UM ANO...

Este texto ficou em repouso algum tempo. Hesitávamos sobre que destino dar a todo este percurso. Não fomos ao dito jantar que, afinal de contas não se realizou, mas reatámos algum contacto com Enya, via messenger. Falámos sobre as nossas vidas mas também sobre a sala de chat e os conhecidos da altura. Quais as suas trajetórias? Quais os seus destinos?

Ficámos a saber que Enya reorganizou a sua vida e se desinteressou completamente dos chats. Soubemos também que Avalon e outros nicks nossos conhecidos reconstruíram as suas vidas e se afastaram desta dimensão do mundo virtual. O mundo real tornou-se novamente gratificante e esvaziou o rolamento dialogal de qualquer género de sentido.

Entrámos novamente na sala em diversas ocasiões. Surgiam, por vezes, alguns nicks daquela época. Ao usar a nossa antiga identidade, demos conta que nomes desconhecidos eram invulgarmente simpáticos connosco. Ou seja, muitas outras pessoas mantêm-se no telanço ainda que a coberto de outras identidades... A trajetória apresentada é paradigmática de um certa vivência mas não esgota, nem o podia fazer, a multiplicidade de vidas virtuais que populam nestes meios.

As questões que se põem a uma etnografia do virtual não diferem muito das que se levantam noutros contextos. É necessário um grande investimento de tempo, no sentido de conhecer o “terreno” e o modo como os actores nele se movimentam – como qualquer território que se pretenda conhecer. A natureza da interacção difere em vários aspectos: não existe presença física e todo o não verbal que ela traz consigo; a interacção é sobretudo escrita. Este último ponto põe um pouco de lado a necessidade da existência de um diário de bordo, sobretudo no nível da descrição do que aconteceu: o rolamento dialogal é gravável e facilmente consultável. Essa escrita possibilita ainda a emergência de impressões, impõe categorias de análise e ainda explicações sobre o que está a acontecer.

Deste modo, ao etnógrafo exige-se a sensibilidade de perceber o que está a acontecer. Não nos referimos apenas aos acontecimentos, mas ainda às emoções que eles despertam, aos modos como as outras personagens reagem emocional e racionalmente às diversas situações. Todos os estímulos terão de se consubstanciar depois em categorias de observação, como fizemos aqui. De um certo modo, poderemos dizer que as categorias de observação que estruturaram grande parte do índice do nosso trabalho se constituíram também como um nível superior de diário de bordo, uma vez que foram delineados e escritos simultaneamente à nossa experiência de chat.

As categorias de observação guiaram-nos nas nossas incursões pela sala. Forçaram-nos a explorar cada uma delas e a detectar factos que não cabiam no seu âmbito. Nestes casos, tornou-se necessário repensar as categorias ou ainda criar uma nova...

Outra questão que se impõe tem a ver com o anonimato do etnógrafo. Aqui a etnografia do virtual não se distancia demasiado da matriz que a formou. O investigador poderá revelar a sua identidade aos informantes-chave e permanecer incógnito a outros participantes. Tais procedimentos são frequentemente utilizados por etnógrafos, na área dos consumos de drogas, quando tentam estudar territórios em que as associações de pessoas, de toxicodependentes, são

fugazes e instáveis. Podemos ainda referir a questão do espaço: as salas de chat são geridas por empresas. Desconhecemos a natureza jurídica desses lugares virtuais, isto é, se são considerados espaços públicos ou privados. Espontaneamente, achamos que são espaços públicos, uma vez que qualquer pessoa, que tenha computador, lhes pode aceder. Em todo o caso, optámos por não referir o nome de nenhum deles, tendo em conta que são empresas e que questões relacionadas com a reputação se podem levantar.

A presente obra é fruto da aplicação de métodos de observação naturalista às interacções em salas de chat. Essas vivências são objecto de reflexão e sistematização.



Pretende-se dar a conhecer os ambientes que se formam nas salas de chat, as linguagens e sinaléticas que emergem. Quais os assuntos de conversa? Quais as intenções? Como é que os nicks se relacionam com o real e o virtual? Como se estruturam as identidades nas várias salas?

Apresenta-se, também, um estudo de caso, com a descrição, das reflexões nick Avalon, sobre as suas etapas de vida virtual e as escolhas que realizou. Seguimos o seu percurso nos primeiros momentos de aproximação e na imersão na actividade de chat.

Rui Tinoco: psicólogo clínico, doutorado em psicologia, desenvolveu investigação usando metodologias qualitativas no campo dos comportamentos adictivos. Trabalha actualmente no âmbito dos cuidados de saúde primários no ACES Porto Ocidental e no Departamento de Saúde Pública da ARS Norte IP.

:~)

(\* \_ \*)



estratégias  
Criativas



9 789728 257910